ISSN 2359-053x

ANO 5 - NÚMERO 58 - AGOSTO 2019

Xapuri SOCIOAMBIENTAL

R$ 15

O PIAR DA JURITI PEPENA:
A HISTÓRIA DO POVOAMENTO DO CERRADO DEPOIS DA CHEGADA DO ANHANGUERA

p. 08

POLÍTICA
Os Desaparecidos
p. 22

MEIO AMBIENTE
O veneno do dendê
p. 36

COMPORTAMENTO
Por que me ufano do meu país
p. 40

Não tem sentido
ENFRAQUECER,
FATIAR,
REDUZIR E
PRIVATIZAR
A CAIXA
Acesse naotemsentido.com.br e saiba
porque a Caixa jamais deverá ser vendida

O BRASIL PRECISA DA CAIXA PÚBLICA, FORTE E SOCIAL

#NãoTemSentido enfraquecer o banco que trabalha pelo desenvolvimento do Brasil

DEFENDA A CAIXA VOCÊ TAMBÉM.

CONTRAF CUT

FENAE

> **Se calarmos,**
> **as pedras gritarão...**
> Pedro Tierra

COLABORADORES/AS - AGOSTO

Affonso Romano de Sant´Anna – Escritor. **Altair Sales Barbosa** – Arqueólogo. **Bia de Lima** – Professora. **Carlos Rittl** – Pesquisador. **Clarice Lispector** – Escritora (*in memoriam*). **Felício Pontes Jr.** – Procurador da República. **Eduardo Pereira** – Sociólogo. **Emir Sader** – Sociólogo. **Iêda Leal** – Professora. **Iêda Vilas-Bôas** – Escritora. **Jacira Rocha Reis** (*in memoriam*) – Professora. **Jaime Sautchuk** – Jornalista. **Janaina Faustino** – Gestora Ambiental. **José Ribamar Bessa Freire** – Jornalista. **Lúcia Resende** – Professora. **Leonardo Boff** – Escritor. **Lúcio Flávio Pinto** – Jornalista. **Maria Aparecida Hamu Opa** (*in memoriam*) – Professora. **Zezé Weiss** – Jornalista.

CONSELHO EDITORIAL

1. Jaime Sautchuk – Jornalista
2. Zezé Weiss – Jornalista
3. Altair Sales Barbosa – Arqueólogo
4. Ângela Mendes – Ambientalista
5. Antenor Pinheiro – Jornalista
6. Elson Martins – Jornalista
7. Emir Sader – Sociólogo
8. Graça Fleury – Educadora
9. Jacy Afonso – Sindicalista
10. Jair Pedro Ferreira – Sindicalista
11. Iêda Vilas-Bôas – Escritora
12. Trajano Jardim – Jornalista

EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental: Telefone: (61) 99967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. Edição: Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 9 8135 6822. Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/ GO. Marketing e Responsabilidade Social: Janaina Faustino (61) 9 9611 6826. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: 5.000 exemplares. Circulação: Revista Impressa - Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri. info. Distribuição – Revista Impressa: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.

Setembro está logo ali e, no dia 11 de setembro, celebramos o Dia do Cerrado. Esta edição 58, de agosto de 2019, antecipa nossa reflexão sobre o Cerrado, este bioma que vem sendo tão atacado pelo veneno do agronegócio. E vamos lá atrás.

"O Piar da Juriti Pepena: A História do Povoamento do Cerrado depois da chegada do Anhanguera" conta um pouco da formação socioeconômica dos povos que construíram a base da sociedade cerratense ao longo dos primeiros séculos de vida pós-Anhanguera no Planalto Central.

Não é uma história de todo bonita, mas é uma história de resistência. Um mundo de dificuldades e superações para as comunidades que se formaram a partir da busca do ouro e, depois de esgotadas as minas, da adaptação à vida rural na agricultura e na pecuária de subsistência.

À parte pelo legado arquitetônico de cidades como Goiás Velho e Pirenópolis, resta aprender, especialmente, sobre como não repetir o trato infeliz dado aos herdeiros dos peregrinos do alvorecer, ou seja, dos primeiros povos a habitar o paraíso do jardim das plantas tortas no coração do Brasil.

Mas não é só isso. Nesta edição, você vai encontrar também informação sobre a anta, animal do Cerrado que serve de sentinela e alerta sobre a degradação ambiental, o perfil da poderosa Chica da Silva e a receita do buré, essa comida tão cerratense feita de milho verde e broto de abóbora.

Da Amazônia, um relato do ataque ao povo indígena Waiãpi, no extremo norte do estado do Amapá, uma reflexão do Boff sobre o conceito de florestania, inventado no Acre, e um pedido de S.O.S. para uma floresta que se esvai a olhos vistos.

Tudo isso e muito mais, preparado com muito carinho pra você nesta Xapuri 58.

Bom proveito!
Zezé Weiss e Jaime Sautchuk

Editores

Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info

Sejamos todas Tereza de Benguela! Gratidão à revista Xapuri pela publicação da matéria Mulheres Pretas Movem o Mundo, em sua edição 57, de julho de 2019.
Andrea Matos – Rio de Janeiro – RJ.

Uma revista impecável! Parabéns a toda a equipe.
André Tomazetti – Formosa – GO.

Vida longa à Revista Xapuri! Informação, cultura e interação de primeira qualidade!
Ary Neto – Formosa – GO.

As imagens mais populares da @revistaxapuri

Imagem do mês

@lau_actis
2.625 curtidas

Marque suas melhores fotos do Instagram com a hashtag

#revistaxapuri

Sua foto pode aparecer AQUI!

Xapuri SOCIOAMBIENTAL 57 JUL 19

08 CAPA
O piar da Juriti Pepena:
a história do povoamento do Cerrado
depois da chegada do Anhanguera

28 AMAZÔNIA
S.O.S Amazônia!

20 CONJUNTURA
Minha visita a Lula

40 COMPORTAMENTO
Por que me ufano do meu país:
dez razões

22 POLÍTICA
Os desaparecidos

46 SUSTENTABILIDADE
Cidadania e florestania:
Amazônia, a titular de direitos

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

16 BIODIVERSIDADE
Anta: espécie "sentinela"
indicadora de riscos para o Cerrado

17 MITOS E LENDAS
A lenda da anta

18 CONSCIÊNCIA NEGRA
Goiás é onde mais morrem jovens negras
no Brasil. Vidas negras importam!

24 ECOTURISMO
Parque Nacional Cavernas do Peruaçu: um
esplêndido museu natural a céu aberto

30 GASTRONOMIA
Do milho com a cambuqueira,
sai o Buré!

31 LITERATURA
A Professora

34 HISTÓRIA SOCIAL
Saio da vida para entrar
na história

36 MEIO AMBIENTE
O veneno do dendê

38 SAÚDE
Remédios esquisitos

42 SAGRADO INDÍGENA
S.O.S. Waiãpi:
"mataram feio e nós estamos
com medo"

48 UNIVERSO FEMININO
Chica da Silva: a pepita negra
do Arraial do Tejuco

O PIAR DA JURITI PEPENA:

A HISTÓRIA DO POVOAMENTO DO CERRADO DEPOIS DA CHEGADA DO ANHANGUERA

Altair Sales Barbosa

Dahy era um índio Uru-eu-wau-wau que habitava as cabeceiras do rio Jamari, no Planalto de Alta Lídia, na serra dos Pakaás-Novos, e era um hábil caçador que abastecia com carne seu povo. Numa certa noite, esse jovem índio teve um pesadelo que acordou toda a aldeia. Indagado sobre o que sonhara, disse que, no meio da noite, por três vezes, ouvira o piar da Juriti Pepena e, em meio a uma cortina de fumaça que se formava, vislumbrou homens estranhos invadindo suas terras para roubar os últimos carocinhos de açaí.

A CHEGADA DOS CARAÍBAS E O TRUQUE DO FOGO

Os primeiros colonizadores de origem europeia que chegaram ao Cerrado eram representados pelos agrupamentos de bandeirantes.

A primeira bandeira sem dúvida foi a comandada por Bartolomeu Bueno (o pai), no final do século XVII, embora, conforme relatos do historiador Paulo Bertram, ele tenha se fixado mais em terras que hoje compreendem o noroeste e centro de Minas Gerais, entre os rios Paracatu e Carinhanha, já no limite atual com a Bahia.

Entretanto, quando seu filho Bartolomeu Bueno da Silva Junior, o Anhanguera, chegou até os sopés da Serra Dourada, no Rio Vermelho, e encontrou o que sobrou dos conhecidos índios Goyá, eles lhe mostraram os vestígios do acampamento onde seu pai estivera há pelo menos 50 anos. Portanto, embora o povoado de Vila Boa tenha sido fruto de Bartolomeu Bueno, o filho, a "descoberta" daquele local e primeiro contato com os índios Goyá podem ser atribuídos a Bartolomeu Bueno, o pai.

Segundo Bertram, Bartolomeu Bueno era bugreiro, ou seja, caçador de índios para escravizá-los, e também grande matador dos povos indígenas. Ainda de acordo com os registros de Bertram, a esse bandeirante se atribui erroneamente a história de enganar os índios ateando fogo em álcool ou cachaça. Entretanto, convém salientar que essa tática era comum entre os portugueses. Há relatos de que outros bandeirantes a usaram. E mesmo que esses meios não tenham sido utilizados por Bartolomeu Bueno, o pai, para enganar os índios Goyá, certamente era do cabedal de táticas enganosas conhecidas por Bartolomeu Bueno, o Júnior.

O padre Luiz Antônio da Silva e Souza, em "O descobrimento da capitania de Goyaz", publicado em 1812, relata uma história dessas:

> *"O nome Serra do Ramalho é porque João Ramalho esteve por aqui, entre 1510 e 1512, aquele mesmo português foragido que se casou com a filha de Tibiriçá, a índia Bartira. Depois que ameaçou secar as águas dos índios, botando fogo no álcool, os índios ficaram amigos dele e o ajudaram a fazer muitas viagens de descoberta, inclusive a que fez nesta Serra da Carinhanha para procurar ouro."*

Foto: divulgação

COMO TUDO COMEÇOU

É conhecido que Goiás nasceu com a descoberta de ouro pelos bandeirantes, mas cresceu e se desenvolveu com a pecuária e com a agricultura. Dizem até mesmo que a pecuária teria precedido a mineração.

Embora essa afirmação se refira ao povoamento de Goiás, esse modelo de ocupação do espaço por populações não indígenas pode ser encontrado por todo o Brasil Central. E isso é bem possível, porque um dos nossos primeiros historiadores, o padre Silva e Souza, dá-nos notícia de que os bandeirantes do Anhanguera teriam se deparado com cabeças de gado bravio que já pastavam naturalmente na região do Vão do Paranã.

Esse gado teria vindo desgarrado dos Gerais da Bahia, onde, desde meados do século XVII, a pecuária – como já vinha acontecendo em todo o grande sertão nordestino – se tornava a principal atividade econômica e social.

Quaisquer que sejam as histórias contadas, em um ponto historiadores e geógrafos são unânimes: a atividade pastoril surgiu inicialmente para abastecer as minas; depois, já como atividade permanente, introduziu a mobilidade em um território até então enclausurado pelas grandes distâncias e pelo isolamento geográfico, e isso proporcionou o desenvolvimento de um mercado interno e, consequentemente, serviu de base para a ascensão plena da atividade agrícola.

Quando as minas de ouro, ainda no século XVIII, entram em decadência, fazendo com que boa parte dos que para cá vieram debandasse para outras regiões do país, a região e sua diminuta população permaneceram ilhadas, como náufragos, no coração do Brasil. Foram esses o estado de ânimo e a realidade retratadas pelos historiadores. Acrescente-se a isso as dificuldades enfrentadas pela agricultura no seu começo.

Durante os primeiros cinquenta anos de Goiás, os administradores coloniais – inclusive o primeiro governador, D. Marcos de Noronha, que governou de 1749 a 1753 – relegaram a agricultura ao patamar mais baixo das atividades produtivas.

Goiás produzia muito ouro e os produtos de que necessitava a população mineira – todos ou quase todos – vinham de fora e eram pagos, literalmente, a peso de ouro. Foi necessário que as minas se esvaziassem de vez para que não apenas a administração, mas também toda a população acordasse para a única saída econômica capaz de tirar a população do estado de letargia coletiva em que se encontrava: a agricultura.

Não havia outra saída, porque, fora da roça e da criação de gado como formas permanentes de atividade, Goiás se transformaria em breve em uma imensa tapera, abandonado que seria por seus moradores.

Muitos estudiosos da história, senão a maioria, ao comparar a época de fausto – que teria sido o ciclo do ouro – com o estado de desânimo – que de um modo geral tomou conta da população quando as minas secaram – classificaram essa fase da história como a da decadência. Qualquer que seja o nome que se lhe dê, ela foi, sobretudo, a fase das décadas perdidas.

Mas, como de todo revés – seja histórico ou não – pode-se tirar lições, lentamente os habitantes que aqui se enraizaram descobriram que o verdadeiro tesouro que procuravam se descortinava à vista de todos: esse grande ambiente natural, que é o Cerrado. As lições foram logo aprendidas.

Uma delas, que perdura até hoje, foi perceber que diante de um meio geográfico rico, em que dominam as imensas chapadas cobertas de pastos naturais a perder de vista, entrecortadas aqui e ali por placas de solos férteis próprios para a roça tradicional – o "Mato Grosso" Goiano e os vales de importantes rios como o Paranaíba, Corumbá, Meia Ponte, Turvo-Bois, Maranhão, Crixás-Açu, Claro, Caiapó, Santa Tereza, Paranã... –, a verdadeira vocação social e econômica do seu imenso território não era cavoucar a terra à procura do ouro incerto, mas nela plantar e criar para se produzir alimentos, nem que fosse para a sobrevivência das pessoas.

Como um rio que não secara de vez, lentamente, os que permaneceram na região souberam reencontrar o leito natural de sua história e de sua vocação social e econômica: ser vaqueiro e lavrador.

Ao dar início a outra fase econômica, social e, sobretudo, política, na qual se acham indistintamente envolvidos todos os habitantes do centro do Brasil, descobriram o caminho da roça, ou melhor, tomaram consciência de que, fora da atividade agropastoril, a área continuaria trilhando pelos caminhos da desilusão que o ouro abrira.

A CORRIDA DO OURO

Durante a Corrida do Ouro – no Brasil Central, período que, de forma geral, vai, a grosso modo, de 1722 a 1822, e conhecido como período colonial – todo garimpo, em princípio, transformava-se em um núcleo de povoamento urbano, cuja duração no tempo dependia exclusivamente da fartura com que a terra respondia às expectativas dos garimpeiros.

Assim, no começo, segundo afirmam os historiadores, Goiás povoou-se e despovoou-se com o ouro. Um dos presidentes da então Província de Goiás – José Martins Pereira de Alencastre, que governou pouco mais de um ano, entre abril de 1861 e junho de 1862 – resume, em seus Anais da Província de Goyaz, o que foi a saga da corrida do ouro nos sertões goianos e tocantinenses no período colonial:

> *"Um imenso lençol de ouro se desenrolava às vistas ávidas do mineiro ambicioso, e suas esperanças eram satisfeitas, no princípio sem quase trabalho e sacrifício. Mas foram poucos os anos de grandeza e prosperidade. O meteoro passou à luz fugaz dessa transitória grandeza e sucedeu o quadro mais constritador [sic] o deslumbramento, porém, continuou por muito tempo ainda [... A mineração era uma espécie de Saturno a devorar seus próprios filhos, era um*

Foto: Dandara/O Globo

simulacro desse louco trabalhar das Denaides, sem fim e sem resultado, porque sempre estava em começo."

Todos nós sabemos hoje o que representaram, em prejuízo para a natureza e para as pessoas, os estragos materiais e psicológicos que os garimpos, os antigos e os atuais, deixaram e deixam pra trás.

Nem tudo, porém, é tristeza e constrangimento, porque, da atividade mineradora, nasceram alguns de nossos ricos patrimônios arquitetônicos e urbanos – Vila Boa, a cidade de Goiás; Meya-Ponte, hoje Pirenópolis. No seu rastro, vieram outras relíquias, que tiveram vida longa ou efêmera – Santa Cruz, Pilar, Chapéo (atual Monte Alegre de Goiás), Flores (de Goiás), Crixás, São Domingos, Bom Fim, atual Silvânia, Santa Luzia, hoje Luziânia, São José do Tocantins, rebatizada como o nome de Niquelândia, Corumbá de Goiás, Caldas Novas (que nasceu ao lado de fontes termais), Santo Antônio do Descoberto (que se chamava Montes Claros), Trayras (que hoje não passa de ruínas abandonadas e até trocou de nome, conhecida atualmente por Tupiraçaba, hoje um mero distrito quase despovoado de Niquelândia), São Felix, cujos testemunhos de sua existência não resistiram ao tempo, apesar de ter existido ali uma casa de fundição, o que lhe conferia um status de arraial importante, Jaraguá, e certamente muitos outros que tiveram vida curta para durar no tempo, como os arraiais do Maranhão, em Goiás, e Pontal, no Tocantins.

Do lado tocantinense sobreviveram ao tempo, dentre outras cidades, Arrayas, Barra da Palma – atual Paranã, Conceição (do Tocantins), Natividade, Chapada da Natividade, Príncipe (hoje Chapada de Areia), Dianópolis (ex-Duro) – que não nasceu propriamente do ouro, mas sim de um aldeamento de índios que atormentavam os garimpos –, Monte do Carmo e Porto Nacional (antigo Porto Real), esta última funcionando como cabeça-de-ponte de navegação e controle de passagem de pessoas que buscavam as minas do norte da capitania.

A ILUSÃO DO ENRIQUECIMENTO FÁCIL

A saga era contada de muitas maneiras, e as histórias de decepções e frustrações são muito mais trágicas e mais numerosas que as de alegria proporcionada pela ilusão do enriquecimento fácil. Como dizíamos, os lugarejos iam surgindo, mas a maioria não passava de simples aglomeração de palhoças sem nenhum conforto, em o que o nome "urbano" também não passava de um eufemismo, dada a falta sistemática do que se poderia chamar de "equipamentos urbanos": arruamentos regulares, construções mais sólidas, administração, serviços urbanos banais etc.

Anta, Curriola, Pontal (provavelmente o primeiro sítio do que seria o Arraial de Porto Real, à margem esquerda do Rio Tocantins), Pontal da Natividade (próximo à confluência do Rio Manoel Alves com o Tocantins). Outros não passam de lugares abandonados ou em completa ruína – Trayras, que foi, ao lado de Vila Boa e Meya-Ponte, um dos mais importantes arraiais do ouro de Goiás, Ouro Fino (Itaiú), Ferreiro, Cocal, Água Quente, Lavrinhas, Amaro Leite (cuja sede foi transferida para a atual cidade de Mara Rosa, às margens da rodovia Belém-Brasília), Santa Rita, hoje chamada de Jeroaquara, distrito de Faina, a outra Santa Rita, distrito de Niquelândia, Muquém, lugar de peregrinação em homenagem à

Foto: Divulgação

padroeira de Goiás, Nossa Senhora d'Abadia, e muitos outros, cujos nomes e lembranças desapareceram para sempre do imaginário popular no Centro-Oeste brasileiro.

"SÍTIOS IMPOSSÍVEIS"

Apesar dos problemas existentes – o isolamento geográfico, os "Sítios Impossíveis" em que esses arraiais se erguiam, por razões óbvias, próximos às minas – no interior do Brasil – nas capitanias de Minas (Minas Gerais, Goiás-Tocantins e Mato Grosso-Mato Grosso do Sul), a mineração foi a atividade que maior influência exerceu sobre o aparecimento das cidades no período colonial.

A fisionomia urbana das cidades nessas áreas era praticamente a mesma, principalmente em Goiás-Tocantins e em Mato Grosso: uma grande praça no centro, com uma igreja matriz ocupando o lugar de destaque, para onde convergiam as ruas, geralmente tortuosas, decorrentes do relevo acidentado, predominante nas regiões auríferas.

Do lado goiano-tocantinense, excetuando-se Vila Boa (a Goiás Velho, antiga capital), e a Meya-Ponte de outrora – a atual Pirenópolis – os arraiais não passavam de pequenas aglomerações com mais de uma centena de casas. O elemento que mais os diferenciava das outras cidades modernas é a sua arquitetura colonial.

Geralmente, ao redor da grande praça, eram construídos, além da igreja matriz, os edifícios públicos e as casas burguesas, sobretudo na forma de sobrados. As casas de classe, digamos, média, ficavam mais distantes; eram baixas, normalmente geminadas, cobertas com telhas comuns de argila, pintadas a cal, com janelas enfeitadas com folhas de malacacheta (mica).

Mais afastado do centro da cidade, o habitat deixava de ser arquitetural para transformar-se em miseráveis habitações de taipa e de terra batida cobertas com folhas de palmeiras o com sapé, que abrigavam as classes pobres ou escravos alforriados. Eram as autênticas favelas coloniais.

Naquela época, a ocupação do espaço urbano obedecia à mesma lógica da segregação espacial presente nas cidades atuais. Tomemos o exemplo de Goiânia: ao redor da Praça do Bandeirante fica o centro comercial e financeiro; um pouco mais afastados, formando anéis urbanos, estão os bairros burgueses e ricos; mais distantes, brotam e multiplicam-se os bairros e conjuntos populares; constituindo a periferia proletária.

Aliás, praticamente toda cidade hoje, tanto no Brasil como no mundo inteiro, tem esse arranjo espacial, apesar da existência de numerosos condomínios fechados de luxo disputando os espaços urbanos periféricos com as populações proletárias.

Ao se observarem os mapas das cidades goiano-tocantinenses surgidas no século XVII, verificam-se que as que nasceram do ouro, paradoxalmente, estão, em sua maioria, situadas nas regiões mais pobres e mais despovoadas de Goiás e Tocantins, no vale do Rio Tocantins e de seus principais afluentes – Rio Paranã, sobretudo – e aos pés da Serra Dourada, em volta de Vila Boa. Após o esgotamento do ouro das minas, muitas delas passaram de relativamente prósperas a decadentes.

Em Minas Gerais, como se sabe, o barroco da arquitetura das cidades coloniais era bem mais exuberante e mais rico, porque o ouro foi aí também mais abundante. Ali nasceram as mais expressivas joias da arquitetura barroca que ouro pôde construir: Ouro Preto, a antiga Vila Rica, capital da capitania; São João Del-Rey, Sabará, Mariana, Caetés, Diamantina (a cidade da lendária Xica da Silva e que produziu mais diamantes que ouro), Tiradentes, Congonhas, para citar apenas as mais importantes.

CATEQUESE

Desde o período colonial, a questão indígena vem sendo tratada de maneira apenas para camuflar um problema crucial: a relação de forças entre índios e brancos que sempre pendeu para o lado do branco.

Na opinião da professora Marivone Matos, os aldeamentos e missões religiosas, principalmente os estabelecidos pelos jesuítas, traziam em seu bojo uma grande contradição: não atuaram como instrumentos de integração da população indígena no processo de colonização, mas quase que tão-somente como meios de propagação da fé e defesa dos interesses da Igreja ou das respectivas ordens religiosas.

Seus objetivos eram bem mais amplos do que os do elemento leigo, visto que as suas perspectivas quanto ao índio se lançavam rumo ao intemporal, contrapondo-se aos interesses da colonização leiga, para a qual o "silvícola" se apresentava apenas numa dimensão biológica e econômica.

Além do mais, ao mesmo tempo em que a Coroa portuguesa procurava proteger o índio contra a ação dos colonizadores, ela fechava os olhos aos massacres e à escravidão a que ele era submetido. Não conseguiram, como costumeiramente de-

Foto: Divulgação

claravam querer, que o índio se constituísse também num elemento povoador do território.

REAÇÃO E DESTINO INDÍGENA

Essa correlação de forças se apresentava como algo inevitável e o que mais se lamenta em todo o tempo é a forma como ela se deu: o aniquilamento físico sistemático do indivíduo indígena por meio de todo tipo de "guerra suja" comandada por capitães-do-mato, eufemisticamente chamados de bandeirantes ou sertanistas.

Do lado do índio, as ações mais comuns eram as *razzias*, que não passavam de ataques pontuais a pequenos arraiais e povoados ou a fazendas, principalmente por parte dos índios Canoeiro e Xavante. Outros, como os Kayapó, que habitavam os sertões à entrada da capitania, com a chegada dos brancos, simplesmente desapareceram porque foram massacrados no início ou porque refluíram para regiões mais distantes do eixo da mineração, como única alternativa para não desaparecer como grupos humanos.

Os Karajá, hiptnotizados por uma profecia maldita, ou melhor, por um destino trágico que lhes parecia inelutável, renderam-se às armadilhas do homem branco – catequese, aldeamentos – e praticamente se desmantelaram como forma de organização tribal. Hoje tentam resistir em um pequeno agrupamento que não reúne mais de 150 pessoas às portas da cidade de Aruanã, em terras que são constantemente invadidas por proprietários de mansões de luxo ou por fazendeiros poderosos.

Os Javaé se refugiaram na Ilha do Bananal. Como eles, outros povos reunidos em tribos e nações menores – Xambioá, Akroá, Tapuia, Canoeiro – perderam a autoconsciência que tinham enquanto índios, cedo desapareceram do mundo, como os Goyá, ou então se renderam ao poder do Estado e da Igreja e lentamente se aculturaram, não mais opondo resistência ao que seria um desígnio dos deuses: a ocupação e o povoamento irresistíveis de seus territórios por forças incontroláveis.

Os Tapuia, que surgiram da miscigenação dos índios Karajá, Xavante e Kayapó confinados no antigo aldeamento Carretão de Pedro III – hoje denominado de Carretão I e Carretão II, com negros quilombolas e situado entre os municípios de Rubiataba e Nova América, em Goiás – como os Karajá, não passam de 150 pessoas.

Os Canoeiro se desenraizaram da terra onde viviam – no vale do Rio Maranhão-Tocantins – e ainda continuam procurando um território para abrigar meia dúzia de remanescentes dos grandes guerreiros que foram no passado.

No Tocantins, uns poucos Xambioá ainda persistem em volta da cidade do mesmo nome. Os Apinagé e os Xerente preservaram uma parte do seu antigo território e vivem em suas reservas às portas das cidades de Tocantinópolis e Tocantínea, respectivamente. Os Krahô têm seu território situado entre os municípios de Goiatins e Itacajá.

RESULTADOS DA GUERRA SEM TRÉGUA

Os avanços de uns (os brancos) ou recuos de outros (os indígenas) se constituíram, então, na dinâmica que caracterizou a formação territorial, o povoamento e a urbanização de Goiás e Tocantins, em que, numa relação de forças, conforme enfatiza o sociólogo Norbert Elias, em seu fabuloso livro *"A sociedade dos indivíduos", uma "ordem social de nível de organização superior – a estatal – substitui, inelutavelmente, a uma outra, menos equipada e de nível de organização inferior – a ordem 'social tribal'".*

Os aldeamentos foram apenas episódios dessa guerra sem tréguas. Mas muitos deles se constituíram nos primeiros núcleos populacionais de algumas cidades goiano-tocantinenses: Mossâmedes e, talvez, porque não confirmado em documentos oficiais, Porangatu, em Goiás; Dianópolis, antiga São José do Duro, Pedro Afonso, Tocantínea e Itacajá, no Tocantins. E nos municípios dessas duas últimas cidades, bem como nas vizinhanças de Tocantinópolis, encontram-se as importantes reservas indígenas dos Xerente, Krahô e Apinajé, respectivamente.

Em outras regiões em que, por causa das condições peculiares do meio ambiente, a população branca não conseguiu se fixar – caso da Ilha do Bananal –, foram criados, respectivamente, dois parques: o Parque Nacional e o Parque Indígena do Araguaia. O aldeamento do Carretão, no vale do São Patrício, próximo à atual cidade de Rubiataba, não evoluiu como cidade.

Altair Sales Barbosa
Arqueólogo, em "O piar da Juriti Pepena: Narrativa Ecológica da Ocupação Humana do Cerrado". Editora PUC-Goiás, 2014.

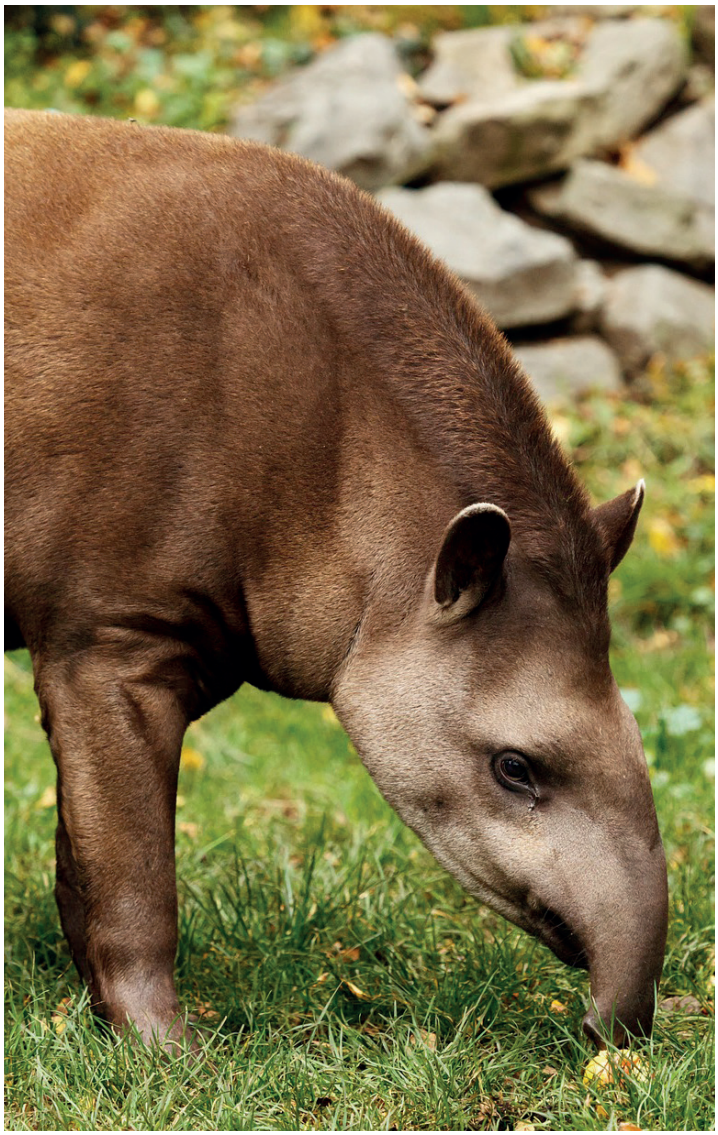
Seu novo lugar no coração da cidade

mata da bica
PARQUE MUNICIPAL

FSA FORMOSA
PREFEITURA

ANTA: ESPÉCIE "SENTINELA"

INDICADORA DE RISCOS PARA O CERRADO



A anta brasileira (*Tapirus terrestris*), conhecida simplesmente como anta ou tapir, é o maior mamífero terrestre do Brasil e o segundo da América Latina. Pesa cerca de 300 kg e chega a alcançar 240 cm de comprimento. Ocorre em áreas de floresta e em campos abertos, sempre perto dos cursos de água, desde o sul da Venezuela até o norte da Argentina.

Frugívora, a anta é um animal importante para a manutenção dos ecossistemas onde vive e cumpre papel fundamental na dispersão de sementes e na conexão entre diferentes habitats, em especial com o Cerrado, um dos biomas mais ameaçados do Brasil.

Listada como vulnerável pela União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais (IUCN), a anta vive solitária em territórios de cerca de 5 km² de área, por cerca de 35 anos, em média. De reprodução lenta, com uma gestação que pode durar mais de 400 dias, a fêmea só pare um filhote por vez.

No Brasil, a anta já desapareceu da Caatinga e encontra-se em situação crítica nas regiões remanescentes de Mata Atlântica.

Um estudo do IPÊ (www.ipe.org.br), realizado pela Iniciativa Nacional para a Conservação da Anta Brasileira (INCAB), divulgado em outubro de 2018, revelou que as antas estão sofrendo sérios riscos de saúde na região do Cerrado do Mato Grosso do Sul (MS), sobretudo pelo uso de agrotóxicos e pela contaminação ambiental das áreas onde vivem.

O estudo apresenta o animal como uma 'espécie sentinela', capaz de demonstrar os riscos presentes no meio ambiente, onde também vivem outras espécies da fauna, animais domésticos e comunidades rurais. Além das pesquisas sobre o impacto dos agrotóxicos na espécie, os pesquisadores também monitoram o atropelamento de antas nas rodovias do MS, fazem estudos de ecologia e uso da paisagem, e colhem dados sobre a saúde e a genética dos tapires.

Os resultados de todas essas análises são utilizados para desenvolver estratégias de redução das ameaças que atingem não somente a *Tapirus terrestris*, mas todo o ambiente e todas as formas de vida que nele habitam, incluindo a vida humana.

A LENDA DA ANTA

Conta uma lenda (registrada no Dicionário Saraiva Júnior) que a anta foi feita com partes de outros animais, a forma de um porco, os pés de rinoceronte, os cascos de boi e o focinho como uma pequena tromba de elefante.

Foi assim que nasceu o maior mamífero da América do Sul, um bicho pacífico, tímido, que se esconde durante o dia e sai à noite para comer folhas, ervas e raízes, cujo nome em tupi é *tapir* e em guarani é *mborebi*.

Foi assim que apareceu na Terra esse bicho que gosta de morar sozinho e que gera um filhote que nasce todo listrado, como se fosse uma melancia.

O conteúdo desta lenda foi postado no Atelier dos Tapetes (www.tappetti.blogspot.com), no mês de agosto de 2008. O texto original foi editado pela redação da Revista Xapuri no mês de agosto de 2019.

GOIÁS É ONDE MAIS MORREM JOVENS NEGRAS NO BRASIL

VIDAS NEGRAS IMPORTAM!

Iêda Leal

O Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência, divulgado ainda em 2017 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em parceria com a Secretaria Nacional de Juventude e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, revelou que Goiás é o estado brasileiro com a maior taxa de mortalidade de jovens negras no País.

Conforme apontou o levantamento, a taxa de homicídios entre mulheres negras e jovens entre 15 e 29 anos era bastante superior à das brancas nas 26 unidades federativas do Brasil, mas o caso mais dramático foi encontrado em Goiás, onde a taxa de mortalidade de jovens negras chegou a 13,8 por 100 mil.

De lá pra cá, não há informações atualizadas, mas pode-se supor que os números de hoje sejam ainda mais estarrecedores diante do aumento geral da violência, visto que vivemos sob o jugo de um governo autoritário, machista e racista.

É verdade que temos um mercado de trabalho sexista, racista e LGBTfóbico. Em 2016, a taxa de desemprego era de 10,4% entre mulheres e de 7,6% entre homens. No mesmo ano, 48,7% das mulheres recebiam menos que o salário mínimo. Entre os homens, o índice era de 36,7%. Infelizmente essa discrepância só tem aumentado em países dominados pelo neoliberalismo, como o Brasil. Assistimos ao fim das políticas públicas de atendimento e acolhimento das mulheres.

Desde 1992, quando ocorreu o I Encontro de Afro-Latino-Americanas e Afro-Caribenhas, em Santo Domingo, na República Dominicana, o 25 de julho marca o Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha, representando um marco internacional da luta e da resistência da mulher negra.

Como vice-presidenta da Central Única dos Trabalhadores no Estado de Goiás (CUT-Goiás) e Coordenadora Nacional do Movimento Negro Unificado (MNU) desejo, antes de tudo, homenagear todas as mulheres, sindicalistas ou não, que são fundamentais para a construção da luta dos direitos da classe trabalhadora, por políticas sociais e no combate ao machismo e ao racismo.

Ao longo da história, estamos saindo da invisibilidade e promovendo os diálogos fundamentais que impulsionam as trajetórias de mulheres negras nos mais diversos campos de trabalho.

Daqui da Tailândia, onde participo do Congresso Mundial de Educação, chamei a atenção das mulheres negras aqui presentes para fazermos uma grande rede de proteção às nossas vidas. Temos que nos manter unidas para alcançar a vitória e derrotar o racismo.

MULHERES NEGRAS IMPORTAM!

Iêda Leal
Tesoureira do SINTEGO. Secretária de Combate ao Racismo da CNTE. Vice-presidenta da CUT-GO. Coordenadora Nacional do MNU. Artigo enviado em 25 de julho de 2019 desde a Tailândia, onde participou do Congresso Mundial de Educação.

MINHA VISITA A LULA

Emir Sader

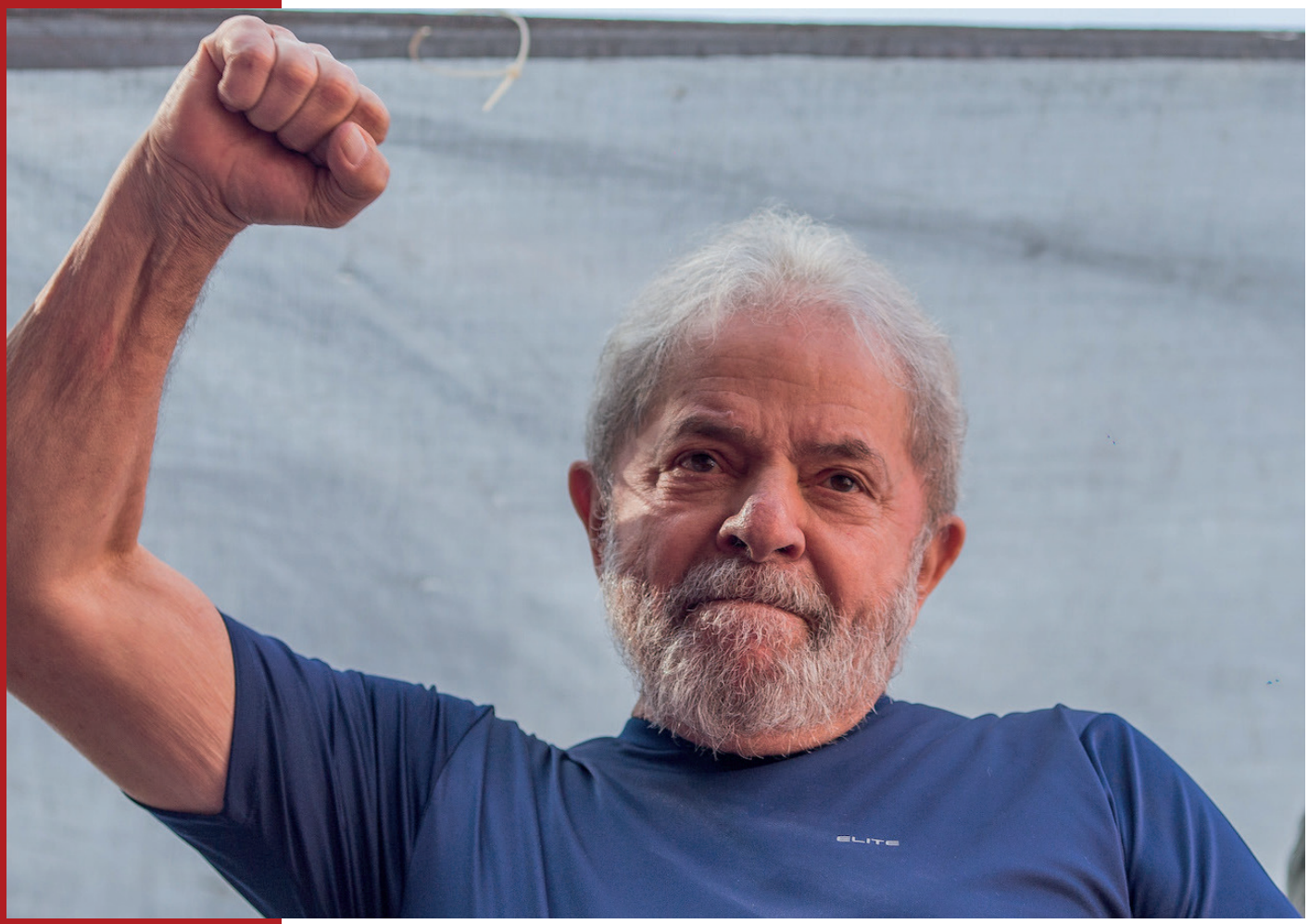


Foto: Divulgação

A última vez que eu tinha estado com o Lula era quando ele tinha se despedido de cada um de nós, para ser levado para a Polícia Federal em Curitiba. Nos meses anteriores eu tinha convivido como nunca com ele, nas quatro Caravanas, de agosto de 2017 a março de 2018.

Quando terminamos vitoriosamente a Caravana do Sul, com uma grande concentração em Curitiba (o Bolsonaro foi à cidade, prometeu que faria um comício maior no dia seguinte, mas só havia oito pessoas.) Aí a direita acelerou sua estratégia: o STF rejeitou na semana seguinte o habeas corpus do Lula e no dia seguinte saiu a prisão do Lula.

Um ano e quatro meses depois, pude reencontrar o Lula. Entrar nesse edifício odioso em que o têm como preso político. Foi preciso fazer os trâmites de identificação, de controle das coisas com que se entra, até que o Superintendente da PF nos chamou, ao ex-vice-presidente da Argentina Eduardo Duhalde e eu, porque queria nos conhecer. Nos sentamos à mesa e eu não deixei que ele fizesse qualquer discurso protolocar.

Logo tomei a palavra e disse: "Estamos contentes de ver o Lula, mas muito constrangidos porque ele está preso e condenado sem provas, é um preso político, que deveria estar na presidência do Br3asil.

Ele vai sair e voltará à presidência do país". Aí terminou brevemente a conversa e nos levaram ao terceiro andar, onde Lula está.

Primeiro nos mostraram o pátio onde o Lula pode tomar sol. Depois fomos encontrar o Lula. Nem bem nos viu, houve abraços e beijos, e ele imediatamente nos disse: "Já viram um preso tão contente como eu? Porque estão sendo desmascarados todos esses canalhas". E se pôs a fazer um cafezinho para nos oferecer.

O local onde ele está tem um banheiro na entrada, à direita. Depois, uma janela grande no fundo, que não se abre, mas ilumina. Uma cama à esquerda, com uma TV nos pés, em que ele pode ver TV aberta e projeta coisas que são mandadas gravadas para ele. (Ele nos mostrou Grandola na tela).

Depois uma mesinha com café e biscoitos, uma mesinha no centro, onde nos sentamos para conversar, um armário na parede oposta e uma estante cheia de livros. Tem um aparelho de calefação ao lado da cama. Do lado oposto da cama, a esteira, em que ele anda nove quilômetros todos os dias.

Parece que estivemos conversando no dia anterior, é o mesmo Lula que conhecemos sempre. Fala muito, pergunta muito, ouve muito, fala sério, brinca, ri. Se mostra preocupado não apenas com a destruição do Brasil, indignado com sua situação pessoal de preso político há um ano e quatro meses, impedido de ser candidato, eleito e voltar a ser presidente do Brasil. (Ele tem clareza total que a Lava Jato tem esse objetivo).

Mas preocupado com que se consiga muito maior mobilização popular: "Todo dia o governo nos dá novas razões para nos mobilizarmos". Segundo ele, se deve sair todos os dias às ruas, com grupos de sindicalistas, de estudantes, de militantes, para conversar com o povo onde o povo está, nas ruas, nas escolas, nos locais de trabalho.

Embora não vislumbre uma saída pela via jurídica, o Lula acha que vai sair e voltar pra luta aqui fora, tenho a impressão com a vontade de retomar o caminho de ser candidato de novo. Mas reafirma, mais do que nunca, que só sai com sua inocência reconhecida.

Lula agradeceu a visita do Duhalde e reiterou o reconhecimento pela visita do Alberto Fernandez, sabendo que a direita exploraria a visita. Conversou-se muito sobre a situação da América Latina, o desmanche do processo de integração regional, a situação na Argentina, na Venezuela, na Bolívia.

Lembraram que a primeira visita do Lula ao exterior, assim que foi eleito, em 2002, foi à Argentina, recebido pelo Duhalde, o primeiro presidente com o qual ele se encontrou. Duhalde lhe disse que o próximo presidente da Argentina seria um governador pouco conhecido, Nestor Kirchner, com o qual o Lula manteria uma profunda amizade e parceria política.

Lula retomou a análise de como foi se constituindo o golpe e todo o processo de perseguição ao PT e a ele. Da quantidade de horas de televisão, de capas de revistas, de páginas de jornais, para atacá-lo. E não conseguiram nem destruir o PT, nem sua imagem junto ao povo brasileiro.

Ele contou como é seu cotidiano lá dentro, o tempo que ele dedica à leitura e a escrever, como se dedica à reflexão e como esse tempo de solidão lhe permite amadurecer as coisas, refletir sobre tudo o que viveu e sobre como superar as dificuldades atuais.

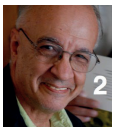
Ficamos uma hora e meia, meia hora a mais do que é previsto. Pude avançar várias coisas de trabalho com o Lula. Mas em um momento tivemos que nos despedir dele. Grande emoção de alegria na chegada, grande emoção de tristeza na saída. A vontade era pegar a mão do Lula e trazê-lo pra fora, dizendo a ele: "Vem Lula, teu lugar não é aí, sem liberdade, cercado por esses chacais. Teu lugar é lá fora, no meio do povo, que te espera".

Nos despedimos do Lula, dizendo que queremos reencontrá-lo aqui fora. Ele faz uma falta incomensurável aqui fora. Além disso, o Lula precisa falar, ouvir, conversar com muita gente, todos os dias. Ele se alimenta disso.

Reencontrando, fica mais absurdo ainda que a única pessoa que pode dirigir a reconstrução do Brasil, baseado num governo para todos, em que cabem todos, pela restauração da democracia, seja vítima da mais absurda perseguição, está presa ilegalmente, enquanto quem comanda a destruição do país, ao invés de estar condenado e preso, esteja na presidência. O que mostra como o Brasil está de cabeça para baixo.

Mas contamos sempre com o Lula, o melhor de todos os brasileiros, quem expressa o que de melhor nós temos. Abracei-o por todos nós, com toda a consciência de que o Lula Livre é condição do resgate do nosso presente e do nosso futuro.

Reencontrar o Lula é um momento marcante na vida de cada um. Espero reencontrá-lo Livre, como ele e todos nós merecemos.



Emir Sader
Sociólogo, um dos principais sociólogos e cientistas políticos brasileiros.

OS DESAPARECIDOS

Affonso Romano de Sant´Anna

Foto: Divulgação

Foto: Divulgação

De repente, naqueles dias, começaram
a desaparecer pessoas, estranhamente.
Desaparecia-se. Desaparecia-se muito
naqueles dias.

Ia-se colher a flor oferta
e se esvanecia.
Eclipsava-se entre um endereço e outro
ou no táxi que se ia.
Culpado ou não, sumia-se
ao regressar do escritório ou da orgia.
Entre um trago de conhaque
e um aceno de mão, o bebedor sumia.
Evaporava o pai
ao encontro da filha que não via.
Mães segurando filhos e compras,
gestantes com tricô ou grupos de estudantes
desapareciam.
Desapareciam amantes em pleno beijo
e médicos em meio à cirurgia.
Mecânicos se diluíam

– mal ligavam o torno do dia.

Desaparecia-se. Desaparecia-se muito
naqueles dias.
Desaparecia-se a olhos vistos
e não era miopia. Desaparecia-se
até a primeira vista. Bastava
que alguém visse um desaparecido
e o desaparecido desaparecia.
Desaparecia o mais conspícuo
e o mais obscuro sumia.
Até deputados e presidentes esvaneciam.
Sacerdotes, igualmente, levitando
iam, rarefeitos, constatar no além,
como os pescadores partiam.

Desaparecia-se. Desaparecia-se muito
naqueles dias.
Os atores no palco
entre um gesto e outro, e os da platéia
enquanto riam.
Não, não era fácil ser poeta naqueles dias.
Porque os poetas, sobretudo

– desapareciam.

Se fosse ao tempo da Bíblia, eu diria
que carros de fogo arrebatavam os mais puros
em mística euforia. Não era. É ironia.
E os que estavam perto, em pânico, fingiam
que não viam. Se abstraíam.
Continuavam seu baralho a conversar demências
com o ausente, como se ele estivesse ali sorrindo
com suas roupas e dentes.

Em toda família à mesa havia
uma cadeira vazia, à qual se dirigiam.
Servia-se comida fria ao extinguido parente
e isto alimentava ficções

– nas salas e mentes
enquanto no palácio, remorsos vivos boiavam

– na sopa do presidente.

As flores olhando a cena, não compreendiam.
Indagavam dos pássaros, que emudeciam.
As janelas das casas, mal podiam crer

– no que viam.
As pedras, no entanto,
gravavam os nomes dos fantasmas
pois sabiam que quando chegasse a hora
por serem pedras, falariam.

O desaparecido é como um rio:

– se tem nascente, tem foz.
Se teve corpo, tem ou terá voz.
Não há verme que em sua fome
roa totalmente um nome. O nome
habita as vísceras da fera
Como a vítima corrói o algoz.

E surgiam sinais precisos
de que os desaparecidos, cansados
de desaparecerem vivos
iam aparecer mesmo mortos
florescendo com seus corpos
a primavera de ossos.

Brotavam troncos de árvores,
rios, insetos e nuvens em cujo porte se viam
vestígios dos que sumiam.
Os desaparecidos, enfim,
amadureciam sua morte.

Desponta um dia uma tíbia
na crosta fria dos dias
e no subsolo da história

– coberto por duras botas,
faz-se amarga arqueologia.

A natureza, como a história,
segrega memória e vida
e cedo ou tarde desova
a verdade sobre a aurora.

Não há cova funda
que sepulte

– a rasa covardia.
Não há túmulo que oculte
os frutos da rebeldia.

Cai um dia em desgraça
a mais torpe ditadura
quando os vivos saem à praça
e os mortos da sepultura.

Affonso Romano de Sant´Anna
Escritor e Poeta. O poema, que relata o desaparecimento e o assassinato de presos políticos pelo regime militar instalado no país com o golpe militar de 1964, foi resgatado pelos familiares de presos políticos em nota contra as declarações do presidente da República, Jair Bolsonaro, em desrespeito à memória do estudante Fernando Santa Cruz, assassinado nos porões da ditadura militar em fevereiro de 1974, segundo documento da Comissão da Verdade, já que seus restos mortais jamais foram entregues à família. Fernando era pai do atual presidente da OAB, Felipe Santa Cruz..

PARQUE NACIONAL CAVERNAS DO PERUAÇU:

UM ESPLÊNDIDO MUSEU NATURAL A CÉU ABERTO

Eduardo Pereira

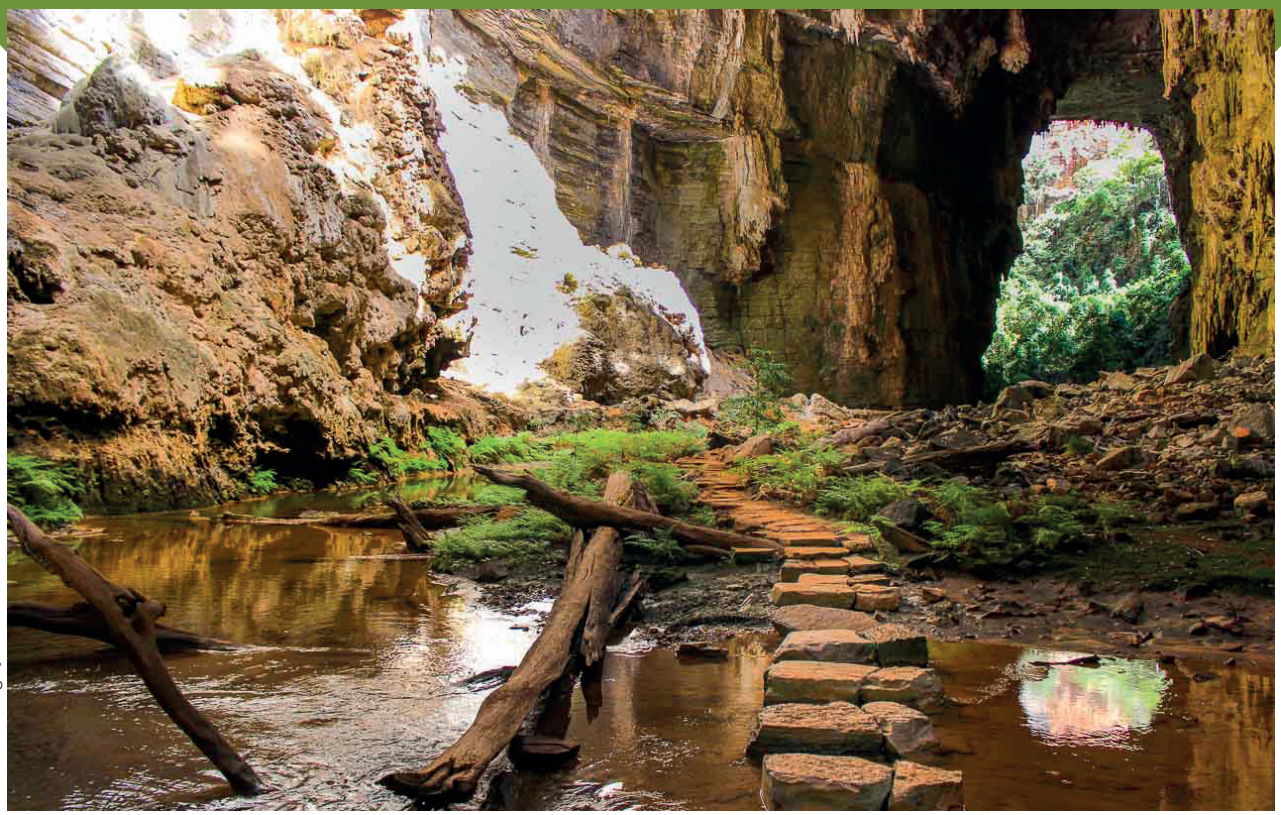


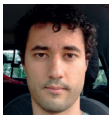
Foto: Divulgação

Quem gosta de viajar pelo interior do Brasil, andar pelos sertões das Gerais, sempre descobre fascinantes paraísos. Um achado de tirar o fôlego é o Parque Nacional Cavernas do Peruaçu, no norte de Minas.

Distante apenas 45 km da cidade de Januária, o Parque guarda um imponente acervo de pinturas rupestres, que se entremeia em uma exuberante mescla de fauna e natureza de dois biomas (Cerrado e Caatinga), além, é claro, de suas fabulosas cavernas, que podem ser visitadas seguindo as trilhas locais.

O cartão postal do Parque é a Gruta do Janelão, uma imensa caverna que abriga a maior estalactite do planeta. O acesso inclui descidas e subidas íngremes, mas há mirantes naturais com vistas de tirar o fôlego.

Agora, se você quiser ir um pouco mais devagar com a aventura, a trilha da Lapa dos Desenhos te permite uma caminhada leve para admirar as cores vívidas de extraordinárias pinturas rupestres feitas há milhares de anos pelos primeiros habitantes da região.



Eduardo Pereira
Sociólogo
@weiss_guru

MEMÓRIAS DA SEMANA SANTA E DAS LENDAS DA MINHA FORMOSA ANTIGA

Maria Aparecida Hamu Opa

Na minha Formosa antiga, a Semana Santa, embora silenciosa e triste, constituía realmente, durante toda a Quaresma, um tempo de contrição e de recolhimento. As imagens todas eram vestidas de roxo, às sextas-feiras não se comia carne e, à noite, à via sacra, se cantava: *A morrer crucificado/ Meu Jesus é condenado/ Por teus crimes, pecador!*

Sexta-feira da Paixão a tristeza baixava sobre a cidade e parecia que neste dia até os galos cantavam tristes. Não tocavam os tradicionais sinos da igreja. A hora da procissão do enterro era avisada pela matraca: uma alça frouxa de ferro afixada numa tábua que, agitada, fazia um ruído característico e conhecido. Isto sem falar das inúmeras crendices que provocava este dia:

– Tirar leite? Saía sangue.

– Carrear? Virava alma penada após a morte e passava anos carreando pelas madrugadas das sextas-feiras e assombrando a gente.

Quem da minha geração não ouviu o canto do carro de boi assombrado? E o monjolo daquele indivíduo que socou arroz na Sexta-feira da Paixão? Como era feliz, ingênuo e crédulo o nosso povo!

Eu juro que até pelos anos 54 e 55 ouvi um carro cantador na Sexta-Feira e Oh! E medo mesmo eu tive do Romãozinho! As coisas mirabolantes que contavam com tanta veemência e riqueza de detalhes abalam até hoje a nossa incredulidade no sobrenatural.

Passei certa vez, há menos de 20 anos, pela casa onde ele reinou, lá pelos lados da Fazenda Bocaina. Ouvi tantas histórias, que planejei mil vezes procurar os antigos moradores ainda vivos então, e morando cá na cidade, correndo da tal assombração. Não o fiz. E sinto por isto.

Várias lendas povoaram a minha infância: a palmeira da Lagoa Feia; a serpente da Praça Rui Barbosa; o porco imenso que à meia noite aparecia sob o velho jatobazeiro da Bica: a querida e famosa Bica, que hoje nada mais é que um córrego canalizado sob o asfalto da Av. Brasília, foi logradouro importante para a nossa juventude.

Era lá que, às tardes, antes da reza na matriz, íamos passear. Sem as

preocupações e as contaminações de agora, bebíamos com as mãos em concha a água fresca que descia da nascente. Daí o chiste popular, que não é só nosso, como cita o Dr. Pimentel (Antônio Pimentel é historiador) também em seu livro Sobre Luziânia: "Quem bebe água da bica, aqui fica".

Maria Aparecida Hamu Opa
Professora (*in memoriam*). Excerto de texto publicado na Revista *DF Letras*, edição 25/26, ano III. Com edições de Iêda Vilas-Bôas.

FSA FORMOSA PREFEITURA

VEM AÍ O ENCONTRO E FEIRA DOS POVOS DO CERRADO

Pelo Cerrado Vivo: diversidades, territórios e democracia. Este será o tema da nona edição do Encontro e Feira dos Povos do Cerrado. Com abertura no dia 11 de setembro, Dia Nacional do Cerrado, o evento será realizado em Brasília até dia 14 do mesmo mês e será um espaço para debates, reflexões e trocas de experiências sobre a realidade do Bioma e os desafios enfrentados pelos povos e comunidades tradicionais que habitam o Cerrado.

A expectativa é que cerca de 600 pessoas, entre representantes de povos e comunidades tradicionais, de organizações da sociedade civil e movimentos sociais se juntem na capital federal. O principal objetivo é dar voz e visibilidade ao Cerrado e a seus povos, que são os guardiões de toda a sociobiodiversidade presente no Bioma.

Para Maria do Socorro Teixeira Lima, quebradeira de coco babaçu e coordenadora geral da Rede Cerrado, o Encontro e Feira irá reforçar a importância e chamar a atenção para o Cerrado. "Ele é o nosso berço das águas e a água é um bem comum a todos nós. Se o desmatamento continua no Cerrado (que já perdeu mais da metade da vegetação nativa), toda a sociedade sofrerá as consequências", alerta.

Vale lembrar que o Cerrado abriga oito das doze regiões hidrográficas brasileiras e abastece seis das oito grandes bacias hidrográficas do país – Amazônica, Araguaia/Tocantins, Atlântico Norte/Nordeste, São Francisco, Atlântico Leste e Paraná/Paraguai. Além disso, é no Cerrado onde estão localizados três dos principais aquíferos do país: Bambuí, Urucuia e Guarani. A contribuição hídrica do Cerrado para a vazão da bacia do Paraná chega a 50%; à bacia do Tocantins chega a 62%; e a 94% da bacia do São Francisco. O Bioma Pantanal é totalmente dependente da água do Cerrado e grande parte da energia consumida no Brasil é gerada com as águas do Cerrado.

Todavia, o Cerrado é um Bioma pouco reconhecido e protegido nacional e internacionalmente e está sendo rapidamente substituído por extensas áreas de monoculturas e pecuária. A devastação da cobertura vegetal do Cerrado já chega a mais de 50% do território, comprometendo nascentes, rios, riachos.

Não só a fauna e flora nativas se veem ameaçadas pelo forte avanço do agronegócio, mas também os povos e comunidades tradicionais que vivem no Cerrado há mais de 12 mil anos, convivendo em harmonia com o meio ambiente. Eles são a representação atual da nossa sociobiodiversidade, enquanto conhecedores e guardiões do patrimônio ecológico e da cultura da região. São mais de 80 etnias indígenas presentes no Bioma, além dos quilombolas, trabalhadoras e trabalhadores extrativistas, geraizeiros, vazanteiros, quebradeiras de coco, ribeirinhos, pescadores artesanais, barranqueiros, fundo e fecho de pasto, sertanejos, ciganos, entre tantos outros.

Esses povos e comunidades de cultura ancestral vivem, principalmente, do extrativismo, do artesanato e da agricultura familiar. Seus modos de vida são importantes aliados na conservação dos ecossistemas, pois formam paisagens produtivas que proporcionam a continuidade dos serviços ambientais prestados pelo Cerrado, como a manutenção da biodiversidade, dos ciclos hidrológicos e dos estoques de carbono.

FAÇA PARTE DO IX ENCONTRO E FEIRA DOS POVOS DO CERRADO

O orçamento geral do IX Encontro e Feira dos Povos do Cerrado se aproxima dos R$ 300 mil, incluindo despesas com deslocamento, infraestrutura, saúde, divulgação e comunicação, montagem das tendas para a realização das oficinas, equipamentos de som e iluminação, contratação e montagem de palco para shows, entre outros.

A Rede Cerrado, em conjunto com as suas entidades associadas, está mobilizando os recursos necessários para a realização deste grande encontro com organizações parceiras e possíveis patrocinadores.

Além disso, foi lançada uma campanha de financiamento coletivo para que qualquer pessoa possa colaborar com a realização do IX Encontro e Feira dos Povos do Cerrado. Os recursos arrecadados nesta campanha são fundamentais para complementar o orçamento geral, sendo seu sucesso muito importante para fortalecer a mobilização dos povos e comunidades tradicionais do Cerrado.

Para saber mais sobre a campanha de financiamento coletivo para o IX Encontro e Feira dos Povos do Cerrado e contribuir acesse:

https://benfeitoria.com/encontroefeirapovosdocerrado

S.O.S AMAZÔNIA!

Carlos Rittl

O sistema de alerta do INPE, Deter-B registrou entre os dias 1 e 24 de julho de 2019 desmatamento em 1.771,5 km2 de florestas na Amazônia.

Este índice absurdo já é 197% maior do que o registrado em julho inteiro em 2018 (596,6 km2) e 73% maior que a pior taxa registrada pelo sistema, que foi no mês de agosto de 2016 (1.025 km2), desde que este entrou em operação.

Se seguir neste ritmo – e nada indica que não, pois a única coisa que o presidente Jair Bolsonaro fez até agora frente à escalada do desmatamento foi reclamar do INPE, ao invés de mandar seu ministro de meio ambiente, Ricardo Salles, trabalhar em favor, e não contra o meio ambiente – o resultado do Deter-B para julho será algo próximo a inimagináveis 2.300 km2.

Vale lembrar que, conforme nós do Observatório do Clima denunciamos, o número de operações de fiscalização ambiental realizadas pelo Ibama caiu 70% em todos os estados da Amazônia Legal entre janeiro e abril deste ano, em relação ao mesmo período do ano passado, e caiu 58% em todo o Brasil.

A agenda antiambiental do Governo gera resultados alarmantes muito rápido, mas que não surpreendem, infelizmente.

Carlos Rittl
Secretário Executivo do Observatório do Clima

LOJA XAPURI
100%
SOLIDÁRIA

www.xapuri.info/loja-solidaria

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Cada produto vendido por nós e comprado por você contribui para o fortalecimento de um pequeno empreendimento, de um coletivo de mulheres, de um povo indígena, de um projeto socioambiental, ou de um movimento social.

DO MILHO COM A CAMBUQUIRA, SAI O BURÉ!

Lúcia Resende

BURÉ! O QUE É O BURÉ?

De origem indígena, o buré é uma daquelas comidas que dão "sustança" a quem trabalha no campo e fazem a alegria de quem um dia saiu da roça, mas não deixou a roça sair de dentro de si.

O buré é só essa mistura simples de milho verde com broto de abóbora, que a gente aprendeu com os índios a chamar de cambuquira. É um caldo grosso, suculento, delicioso e fácil de fazer. Veja a receita:

INGREDIENTES

- 12 espigas de milho verde
- 1 maço de brotos de abóbora (cambuquira) – limpar cuidadosamente os talos, quebrar em pedaços médios, tirando a "pelinha"; escolher as folhinhas menores e os brotinhos, deixando junto aos talos.
- Óleo para refogar
- Rodelas de cebola
- 3 dentes pequenos de alho amassados
- Limão
- Sal

MODO DE PREPARO

1. Depois de cortar e separar do sabugo, bata os grãos de milho no liquidificador com pouca água. Coe e reserve.
2. Doure o alho e as rodelas de cebola, e em seguida refogue a cambuquira. Reserve.
3. Coloque em uma panela o creme de milho verde. Aos poucos, vá colocando água quente até formar um mingau.
4. Mexendo sempre, cozinhe por 15 minutos. Depois de cozido, jogue dentro a cambuquira, tempere com sal a gosto, misture bem e pronto, é só servir.

Lúcia Resende
Professora
@mluciares

A PROFESSORA

Jacira Rocha Reis

LONGA É A JORNADA...
PARO UM INSTANTE,
VOLTO A CONTEMPLAR
O CAMINHO PERCORRIDO
É TÃO COMPRIDA A ESTRADA
E TALVEZ AINDA TENHA TANTO O QUE ANDAR...
VERDES, LÁ ATRÁS ESTÃO AS ÁRVORES
A CUJA SOMBRA QUE ME ABRIGUEI,
GOTEJAM LÁGRIMAS DE SERENO
NAS FLORZINHAS QUE CIRCUNDAM O CAMINHO
POR ONDE PASSEI.

MAS... CURIOSO!
AS GOTAS DE SERENO TÊM UM FORMATO ESTRANHO,
PARECEM LETRAS...
E AS FLORES QUE AS RECEBEM
TÊM ROSTOS DE CRIANÇAS...
AS FLORES QUE O ORVALHO BEBEM
SÃO MEUS EX-ALUNOS SATISFEITOS,
DE MIM SE DESPEDEM,
NUM DOCE ACENO
DE GRATIDÃO E DE ESPERANÇA.
LEVANTO OS OMBROS CANSADOS
E PROSSIGO A JORNADA...
ANIMADA, FELIZ, AVANÇO.
JÁ NÃO ME PESAM OS CABELOS BRANCOS,
JÁ NÃO FRAQUEJAM MEUS PÉS NA ESTRADA...
QUERO VER ESTE DESERTO
QUE SE ESTENDE NA MINHA FRENTE
NUM IMENSO JARDIM ABERTO
EM FLORES SATISFEITAS,
FELIZES, SORRIDENTES,
ORVALHADAS DE LETRAS

Jacira Rocha Reis (*in memoriam*)
Mestra de muitas gerações. Encantada em 28 julho de 2019.

Guinada na política ambiental pode intensificar o desaparecimento das abelhas

O Relatório Temático sobre Polinização, Polinizadores e Produção de Alimentos no Brasil, elaborado no início do ano pela Plataforma Brasileira de Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos (BPBES) mostrou que mais de 200 espécies utilizadas na agricultura do país dependem dos polinizadores. Besouros, borboletas, mariposas, aves, vespas, moscas, morcegos e percevejos possuem potencial polinizador, mas as abelhas são as principais responsáveis por esse trabalho. Correspondem a 66%, segundo o relatório.

Ao contrário do que muita gente pensa, não existe somente a abelha estrangeira (europeia), aquela, com listras pretas e amarelas e um enorme ferrão. Essa é apenas uma entre as mais de 20 mil espécies. Só no Brasil, existem mais de 300 tipos de abelhas nativas melíponas sem ferrão. Elas povoam diversos biomas do território e formam seus ninhos em buracos ocos de troncos das árvores. Mas esses animais estão ameaçados devido ao uso de agrotóxicos e sua sobrevivência depende da conscientização e da preservação das matas brasileiras.

No século passado, o físico alemão Albert Einstein previu que a extinção das abelhas causaria danos catastróficos no meio ambiente e o ser humano teria apenas mais quatro anos de vida. Isso porque elas sobrevoam culturas agrícolas em busca do seu alimento, o pólen, colaborando para a reprodução de frutas, legumes e grãos, garantindo assim, a biodiversidade. O alerta foi feito e diversos estudos também comprovaram que, realmente, esses insetos desempenham um papel crucial para o equilíbrio dos ecossistemas. Porém, nem isso têm freado a morte das abelhas em grande escala.

Nos últimos três meses, segundo levantamento da Agência Pública

e Repórter Brasil, apicultores encontraram mais de meio bilhão de abelhas mortas em quatro estados brasileiros. Foram 400 milhões no Rio Grande do Sul, 7 milhões em São Paulo, 50 milhões em Santa Catarina e 45 milhões em Mato Grosso do Sul. Grande parte dessa devastação se dá devido ao uso inadequado de agrotóxicos. As pulverizações dos pesticidas afetam o sistema nervoso central dos animais, resultando em paralisia e morte. Além de reduzir drasticamente as taxas de reprodução. A monocultura também acaba com a diversidade de fontes alimentares para as abelhas, diminuindo os recursos disponíveis para coleta de pólen.

O Brasil está entre os países que mais usam agrotóxicos e, para piorar ainda mais essa situação, o presidente Jair Bolsonaro acelerou a aprovação de 262 novos tipos de pesticidas, incluindo alguns com substâncias proibidas na União Europeia. Com esse tipo de política ambiental adotada, infelizmente, a tendência é que o sumiço desses insetos chegue ao ápice nos próximos períodos.

No DF, o sítio Geranium, localizado no Núcleo Rural de Taguatinga possui um meliponário que realiza um amplo trabalho de conscientização. O responsável Heráclito Sette explica que lá são cultivadas espécies de abelhas melíponas como uruçu, mandaçaia, jataí e muitas outras. O objetivo do local é promover a educação ambiental, multiplicar, reintegrar e alertar a sociedade sobre a existência e importância desses animais que fazem parte do bioma, mas estão sendo desalojados e extintos pela população.

Heráclito Sette é especialista em abelhas melíponas nativas e colaborador do meliponário do sítio Geranium, santuário ecológico que promove educação ambiental

"Sem dúvida, as abelhas possuem um importante papel, pois por meio da polinização realizada é possível garantir a biodiversidade. É fundamental diminuirmos o uso de agrotóxicos e utilizar pesticidas corretamente. Atualmente, assim como ocorre com medicamentos, os agrotóxicos não são um só, são uma composição. Combinados, os efeitos desses venenos causam doenças terríveis nas pessoas, como má formação, doença mental, depressão, Alzheimer e muitas outras. Os pesticidas acabam não apenas com as abelhas, mas com toda a micro vida no local em que é pulverizado. Essas espécies estão ameaçadas e nosso objetivo é preservá-las, pois elas que garantem a reprodução e o ciclo da vida. É preciso adotar medidas para cuidar de lugares onde os polinizadores podem ser menos afetados", alertou Sette.

SINPRO DF
SINDICATO DOS PROFESSORES NO DISTRITO FEDERAL
Filiado: CUT CNTE
40 ANOS
CUT BRASIL
CNTE

SAIO DA VIDA PARA ENTRAR NA HISTÓRIA

Carta-Testamento de Getúlio Vargas

O presidente Getúlio Vargas suicidou-se em 24 de agosto de 1954. Em seus aposentos, foram encontradas duas cartas-testamento. Uma, manuscrita, em forma de bilhete. E outra, mais elaborada, datilografada, onde se encontra a frase "Saio da vida para entrar na história". Sobre a segunda carta, há disputa de autoria. Sobre a primeira, a própria letra do presidente atesta a veracidade. Nos dois casos, entretanto, registra-se um marco de um momento trágico da História do Brasil.

TEXTO DA CARTA-TESTAMENTO DATILOGRAFADA

Mais uma vez as forças e os interesses contra o povo coordenaram-se e se desencadeiam sobre mim. Não me acusam, insultam; não me combatem, caluniam; e não me dão o direito de defesa. Precisam sufocar a minha voz e impedir a minha ação, para que eu não continue a defender, como sempre defendi, o povo e principalmente os humildes.

Sigo o destino que me é imposto. Depois de decênios de domínio e espoliação dos grupos econômicos e financeiros internacionais, fiz-me chefe de uma revolução e venci.

Iniciei o trabalho de libertação e instaurei o regime de liberdade social. Tive de renunciar. Voltei ao governo nos braços do povo.

A campanha subterrânea dos grupos internacionais aliou-se à dos grupos nacionais revoltados contra o regime de garantia do trabalho. A lei de lucros extraordinários foi detida no Congresso. Contra a Justiça da revisão do salário mínimo se desencadearam os ódios.

Quis criar a liberdade nacional na potencialização das nossas riquezas através da Petrobras, mal começa esta a funcionar a onda de agitação se avoluma. A Eletrobrás foi obstaculada até o desespero. Não querem que o trabalhador seja livre, não querem que o povo seja independente.

Assumi o governo dentro da espiral inflacionária que destruía os valores do trabalho. Os lucros das empresas estrangeiras alcançavam até 500% ao ano. Nas declarações de valores do que importávamos existiam fraudes constatadas de mais de 100 milhões de dólares por ano. Veio a crise do café, valorizou-se nosso principal produto. Tentamos defender seu preço e a resposta foi uma violenta pressão sobre a nossa economia a ponto de sermos obrigados a ceder.

Tenho lutado mês a mês, dia a dia, hora a hora, resistindo a uma pressão constante, incessante, tudo suportando em silêncio, tudo esquecendo e renunciando a mim mesmo, para defender o povo que agora se queda desamparado. Nada mais vos posso dar a não ser o meu sangue. Se as aves de rapina querem o sangue de alguém, querem continuar sugando o povo brasileiro, eu ofereço em holocausto a minha vida.

Escolho este meio de estar sempre convosco. Quando vos humilharem, sentireis minha alma sofrendo ao vosso lado. Quando a fome bater à vossa porta, sentireis em vosso peito a energia para a luta por vós e vossos filhos.

Quando vos vilipendiarem, sentireis no meu pensamento a força para a reação.

Meu sacrifício vos manterá unidos e meu nome será a vossa bandeira de luta. Cada gota de meu sangue será uma chama imortal na vossa consciência e manterá a vibração sagrada para a resistência. Ao ódio respondo com perdão. E aos que pensam que me derrotam respondo com a minha vitória. Era escravo do povo e hoje me liberto para a vida eterna. Mas esse povo, de quem fui escravo, não mais será escravo de ninguém.

Meu sacrifício ficará para sempre em sua alma e meu sangue terá o preço do seu resgate.

Lutei contra a espoliação do Brasil. Lutei contra a espoliação do povo. Tenho lutado de peito aberto. O ódio, as infâmias, a calúnia não abateram meu ânimo. Eu vos dei a minha vida. Agora ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na história.

VERSÃO MANUSCRITA DA CARTA-DESPEDIDA

Deixo à sanha dos meus inimigos o legado da minha morte.

Levo o pesar de não haver podido fazer, por este bom e generoso povo brasileiro e principalmente pelos mais necessitados, todo o bem que pretendia.

A mentira, a calúnia, as mais torpes invencionices foram geradas pela malignidade de rancorosos e gratuitos inimigos numa publicidade dirigida, sistemática e escandalosa.

Acrescente-se a fraqueza de amigos que não me defenderam nas posições que ocupavam, a felonia de hipócritas e traidores a quem beneficiei com honras e mercês e a insensibilidade moral de sicários que entreguei à Justiça, contribuindo todos para criar um falso ambiente na opinião pública do país contra a minha pessoa.

Se a simples renúncia ao posto a que fui elevado pelo sufrágio do povo me permitisse viver esquecido e tranqüilo no chão da Pátria, de bom grado renunciaria. Mas tal renúncia daria apenas ensejo para, com mais fúria, perseguirem-me e humilharem. Querem destruir-me a qualquer preço. Tornei-me perigoso aos poderosos do dia e às castas privilegiadas.

Velho e cansado, preferi ir prestar contas ao Senhor, não de crimes que não cometi, mas de poderosos interesses que contrariei, ora porque se opunham aos próprios interesses nacionais, ora porque exploravam, impiedosamente, aos pobres e aos humildes.

Só Deus sabe das minhas amarguras e sofrimentos. Que o sangue de um inocente sirva para aplacar a ira dos fariseus.

Agradeço aos que de perto ou de longe trouxeram-me o conforto de sua amizade.

A resposta do povo virá mais tarde...'

O VENENO DO DENDÊ

Felício Pontes Jr.

O Brasil é campeão mundial no uso de agrotóxicos. Essa notícia não é boa para nenhum país, mas pode ser pior. Estamos usando produtos que já foram banidos na Europa. A consequência desse fato não é apenas o dano à saúde das comunidades vizinhas da área onde se usa o produto. Todos estamos sendo contaminados quando fazemos uso ou comemos alimentos com alta incidência de agrotóxicos.

No intuito de ser mais uma forma de *"desenvolver"* a Amazônia, o governo federal, em 2004, criou o Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel, mas foi a partir de 2010 que a produção deslanchou. Seu objetivo era utilizar áreas degradadas para cultivar o dendê. Dos 31,8 milhões de hectares disponíveis para esse plantio, quase 30 milhões de hectares estão na Amazônia Legal.

Parte dessa área está nas mãos de agricultores familiares. Assim, a ideia foi financiar não apenas as grandes empresas que se dispusessem à empreitada, mas também os pequenos agricultores. E centenas foram seduzidos, principalmente no Pará.

O problema maior é o uso de agrotóxicos nessa cultura. A Organização Não Governamental Repórter Brasil vem assumindo um jornalismo investigativo sobre o uso do dendê na Amazônia. Suas constatações são estarrecedoras. Ela descobriu que em 166 mil hectares são utilizados cerca de 332 mil litros de herbicida todo ano.

Como estamos falando da Amazônia, onde há alta ocorrência de cursos d´água e de chuva, há risco tanto para as comunidades quanto para a biodiversidade animal e vegetal expostas à contaminação. E a contaminação foi inevitável. No final de 2014, uma das maiores instituições da Amazônia, o Instituto Evandro Chagas, divulgou estudo que avaliou as águas superficiais e sedimentos em uma área de 840 km2, no Baixo Tocantins, e detectou a contaminação por agrotóxicos utilizados na cultura do dendê em 14 dos 18 pontos coletados.

Próximo dessa área, localiza-se a Terra Indígena Turé-Mariquita. O cacique Raimundo Tembé informou o que ocorre naquela região: *"As caças diminuíram com os venenos que são jogados, contaminando os igarapés. Encontraram um tatu morto, o que não é normal de se ver..."*

É necessário, urgentemente, rever o programa de biocombustível e uso de agrotóxicos. Qualquer monocultura na Amazônia agride a vocação natural da região, que detém a maior biodiversidade do planeta.

Felício Pontes Jr.
Procurador da República,
em "Povos da Floresta: Cultura, Resistência e Esperança".
Editoras Repam-Paulinas, 2017.

REMÉDIOS ESQUISITOS

Clarice Lispector

Um dia desses aprendi um bocado de coisas estranhas sobre duas coisas muito corriqueiras – sobre alho e cebola... Não digo que lhe conto para que você tenha um bom assunto de conversa, na próxima reunião, porque há muita gente que tem alergia a uma ou outra palavra.

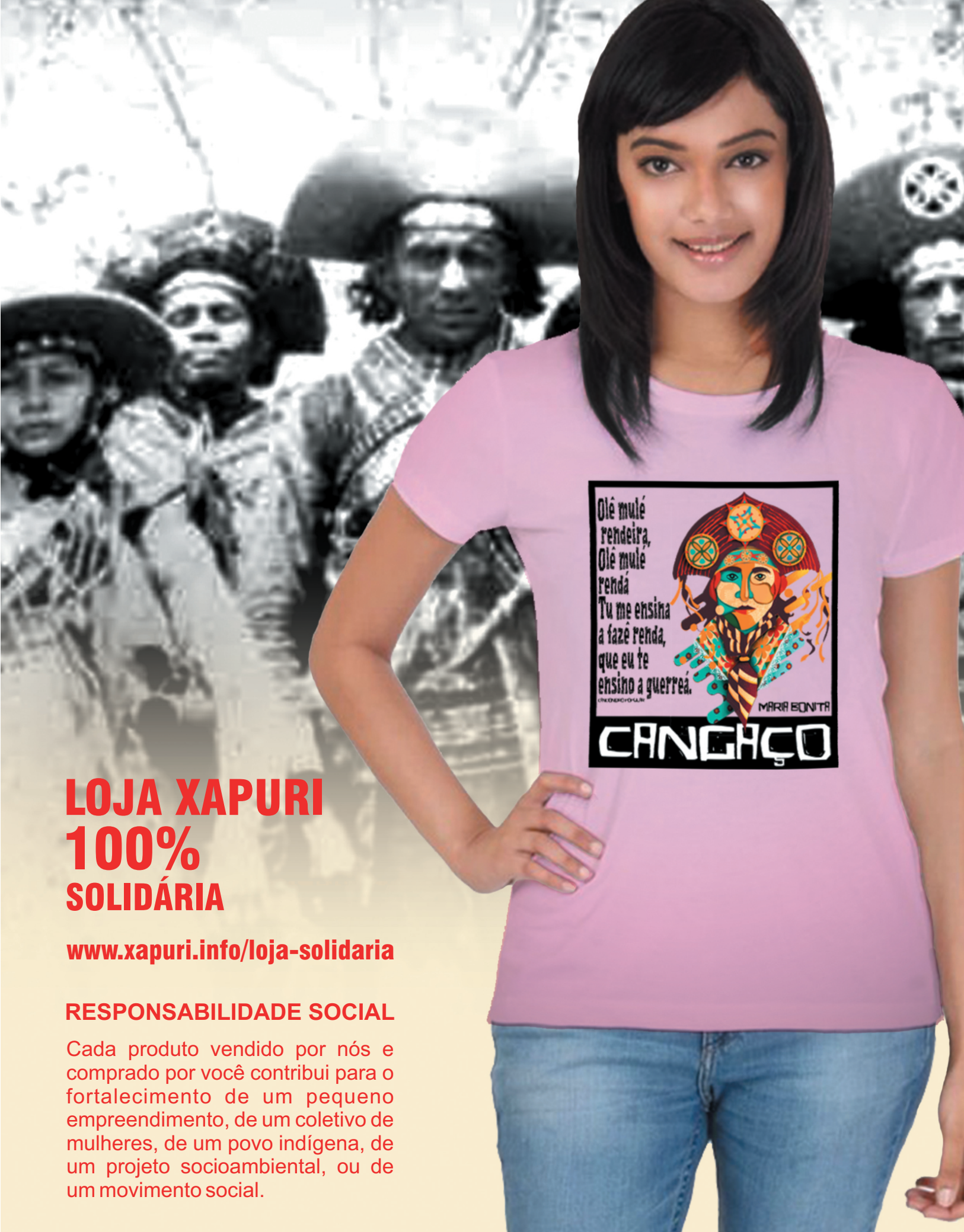
Vendo a conversa pelo preço que comprei. Fiquei sem saber se acreditasse ou não, e você provavelmente ficará assim, também. Por exemplo: disseram-me que a cebola, esfregada sobre a calva, faz nascer os cabelos... Pelo menos mal não faz, suponho.

Outra: que a rainha Isabel da Inglaterra comia, como refeição matinal, um pedaço de carne, cerveja e muitas cebolas – e daí vinha o seu extraordinário vigor.

E alho pra asma... No século XVIII um médico fez fortuna com uma fórmula de sua descoberta. Cozinhava um pouco de alho até que este perdesse a rigidez: juntava à água do cozimento uma quantidade igual de vinagre. E para dar ao composto um sabor de xarope, punha açúcar à vontade.

Então jogava nesse xarope os dentes de alho cozidos. No dia em que o doente tomava dessa mistura, não tinha asma. Verdade? Mentira? Contaram-me como verdade.

Clarice Lispector (in memoriam)
Escritora, em "Correio Feminino", organização Aparecida Maria Nunes. Editora Rocco, 2006.



LOJA XAPURI 100% SOLIDÁRIA

www.xapuri.info/loja-solidaria

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Cada produto vendido por nós e comprado por você contribui para o fortalecimento de um pequeno empreendimento, de um coletivo de mulheres, de um povo indígena, de um projeto socioambiental, ou de um movimento social.

POR QUE ME UFANO DO MEU PAÍS: DEZ RAZÕES

José Ribamar Bessa Freire

"Ama com fé e orgulho a terra em que nasceste!
Criança, não verás país nenhum como este".
(Olavo Bilac, Poesias Infantis, 1904)

Nesses tempos bicudos, muitos brasileiros andam cabisbaixos, com vergonha de nosso país, sobretudo quando tomam conhecimento dos fatos pela mídia nacional e estrangeira.

Convém levantar os ânimos e renovar as esperanças, seguindo o exemplo da irmã Consolata, nossa professora do Ginásio de Aparecida, em Manaus. No ano do golpe de 1964, ela leu e releu em sala de aula as *"Poesias Infantis"* de Bilac e o livro do conde Affonso Celso *"Por que me ufano do meu país"*, publicado em 1900. Lá, o escritor monarquista apresenta onze razões pelas quais podemos nos orgulhar do Brasil, entre as quais a diversidade e a beleza de sua natureza hoje agredida.

De lá pra cá, o Brasil mudou muito, a Mata Atlântica cedeu lugar a grandes empreendimentos que trouxeram o progresso como as barragens da Cia. Vale do Rio Doce em Mariana e Brumadinho. Temos assim que atualizar as razões para nos ufanarmos. É o que agora faremos.

1ª RAZÃO – O Brasil hoje é presidido por um estadista destemido e de raro brilho intelectual, como ficou claro na sexta-feira, 28 de junho, na reunião do G20 no Japão. Quando a chanceler Ângela Merkel veio com o mimimi de que a floreta Amazônica está sendo desmatada, provocando o aquecimento global, Bolsonaro, altaneiro, falou grosso com ela: *"Em matéria de preservação, os alemães têm a aprender muito conosco. O presidente do Brasil que está aqui não é como alguns anteriores que vieram aqui para serem advertidos por outros países"*. No olho! Tá pensando o quê? Os nossos rios podem estar poluídos, mas as crianças vão decorar a fórmula H2O. É preciso ter muito peito para dar um chega pra lá no país mais rico da Europa, o quarto maior parceiro comercial do Brasil, com um intercâmbio comercial que em 2018 atingiu US$ 15 bilhões. Não importa se isso pode prejudicar economicamente o Brasil. O importante é dar o troco, talquei?

2ª RAZÃO – O Brasil tem um ministro de Segurança Institucional, o general Augusto Heleno, que obedeceu ao capitão, e também botou quente: *"Quem tem moral para falar da preservação do meio ambiente no Brasil? Estes países que criticam? Vão procurar a sua turma"*. Esses argumentos tiveram tanta eficácia que, segundo o ministro da Educação, Abraham Wein-

traub, foi por causa dessa porrada que Merkel começou a se tremer toda. Já Trump, da nossa turma, declarou que Bolsonaro "é um homem especial". Creia, nem em Tróia verás um Heleno guerreiro como este: "In Trump We Trust".

3ª RAZÃO – Se o presidente viaja, temos um vice à altura. O sargento preso pela polícia da Espanha, transportando 39 kg de cocaína no avião da FAB, da comitiva do presidente Bolsonaro, nos envergonhou ante o mundo. Cadê a Segurança Institucional? Cadê a revista policial no embarque? O general Hamilton Mourão, para quem *"a indolência dos índios e a malandragem dos africanos"* formou o *ethos* nacional, teve a coragem desassombrada de colocar os pontos nos ii: o sargento é uma "mula qualificada", ou seja "filho de padre", "mula-sem-cabeça", até que se conheça o chefe do tráfico.

4ª RAZÃO – Diga lá, meu amigo, qual o país do mundo que tem um ministro da Educação do naipe de Abraham Weintraub, cuja educação, delicadeza e senso de humor conseguem provocar riso generalizado do Oiapoque ao Chuí? Hoje, ele é a alegria dos brasileiros, seja *"singing in the rain"*, seja minimizando o episódio da cocaína complementar – ha, ha, há – que o *"avião presidencial já transportou drogas em maior quantidade. Alguém sabe o peso do Lula ou da Dilma?"* Ha! ha! há! Abraham representa esse humor refinado e inteligente característico do brasileiro. Um Zé Carioca da Disney.

5ª RAZÃO – Não existe em 193 países do mundo nenhum ministro da Justiça que, como o juiz Sergio Moro, foi capaz de romper regrinhas bestas da legalidade para condenar quem ele tinha certeza de que era corrupto, embora o procurador alegasse que as provas eram inconsistentes. Lugar de corrupto é na cadeia, menos os corruptos do nosso lado. Por isso, ao mesmo tempo esse juiz durão, motivo de orgulho de todos nós, soube também ser misericordioso, quando perdoou Onyx Lorenzoni, réu confesso no uso de Caixa 2, *"porque ele já admitiu e pediu desculpas"*, ao contrário de Lula. Criança, não verás juiz nenhum como este!

6ª RAZÃO – Criança, diz-me em que país do mundo um ministro do Meio Ambiente tem a coragem de um Ricardo Salles para propor uma política ambiental contrariando os ecochatos? Precisa ter aquilo roxo para querer transformar a Estação Ecológica de Tamoios, em Angra dos Reis, numa Cancún brasileira, aberta ao turismo internacional, gerando emprego e renda, como Brumadinho e Mariana. O ousado Salles não hesitou em chamar oito ex-ministros do meio ambiente, de diferentes partidos políticos, que criticaram sua política, de servirem a *"um plano orquestrado de comunistas"*.

7ª RAZÃO – Qualquer criança brasileira tem motivos de orgulho, porque a titular do Ministério da Agricultura é Tereza Cristina, pecuarista, líder da bancada ruralista. Ela enfrentou Deus e o mundo para liberar os agrotóxicos no Brasil e não se importou de ser chamada de *"Musa do Veneno"* que chegará à mesa de quem não pode consumir orgânicos. Com bravura e galhardia, defendeu o uso de pesticidas, que matam todas as pestes, incluindo ambientalistas, índios, sem-terrra e movimentos sociais. Por via das dúvidas, ela não come o que produz.

8ª RAZÃO – Só alguém como o intrépido Ernesto Araújo, ministro das Relações Exteriores, podia *"ajudar o Brasil e o mundo a ser libertarem da ideologia globalista pilotada pelo marxismo cultural"*, ele disse, inaugurando inédita diplomacia nunca vista na face da Terra, o que é mais um motivo para o nosso ufanismo. Contrariando os historiadores, ele revelou para o mundo que *"o fascismo e o nazismo são movimentos de esquerda"*, sem se incomodar com o juízo do embaixador da Alemanha no Brasil, Georg Witschel, para quem tal informação *"é uma enorme besteira"*.

9ª RAZÃO – Diga lá se você já viu em algum país do mundo uma ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos que de cima de uma goiabeira falou com Jesus? Na Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher da Câmara dos Deputados, ao ser questionada sobre se a mulher deveria ser submissa ao homem, respondeu que *"sim, dentro da doutrina cristã, o homem é o líder do casamento"*, criando assim um neofeminismo revolucionário. Pronta para escrever um evangelho revisitado, criticou ainda com bravura a teoria evolucionista. É ou não é motivo de orgulho para todos nós?

10ª RAZÃO – Em qual país do mundo existe alguém como Fabrício Queiroz, um laranja que vira fumaça? Ou um ministro cítrico como Marcelo Álvaro Antônio, que tem a função de atrair turistas do mundo todo? Mesmo coberto de lama em plena atividade, com vários assessores presos por corrupção, ele não foge à luta.

Nem no país imaginário do poeta espanhol José Augustin Goytosolo encontramos motivos para tanto orgulho. No seu poema *"El lobito Bueno"*, ele sonhou com o mundo de cabeça pra baixo: *"Era uma vez um lobo bom, que era torturado pelos cordeiros. Havia também um príncipe malvado, uma bruxa linda e um pirata honrado"*.

Criança, não verás país nenhum como este!

José Ribamar Bessa Freire
Professor. Escritor. Gestor do Blog TaQuiPraTi http://www.taquiprati.com.br

S.O.S. WAIÃPI:
"MATARAM FEIO E NÓS ESTAMOS COM MEDO"

Zezé Weiss

"Ninguém esperava que, tantos anos depois, surgisse novamente o pesadelo das invasões de garimpeiros. Voltou à tona o medo das violências e da contaminação por doenças."
Dominique Gallois – Antropóloga, professora e pesquisadora da USP

Os Waiãpi, que também se autodenominam como *Iane* (nós), são um povo indígena com uma população de cerca de 900 pessoas que vive na Terra Indígena Waiãpi, de 607 mil hectares, no extremo norte do estado do Amapá, na fronteira com a Guiana. Existe também uma população de cerca de 400 a 600 Waiãpi que vive na Guiana, e há relatos da existência de dois grupos de indígenas isolados, também da mesma etnia.

Descendentes dos antigos Guaiapi que viviam na região do baixo Xingu no século XVII, os Waiãpi permaneceram na região norte do rio Amazonas há mais de dois séculos. O contato ocasional com o "branco" os fez avançar rumo ao extremo norte do país, especialmente na década de 1960, para escapar do Projeto Jari, instalado na região onde viviam pelo milionário norte americano Daniel Ludwig.

Mas foi em 1973, com a construção da rodovia BR-210, que a Funai fez o primeiro contato com o povo Waiãpi. E com o contato veio a tragédia da invasão das aldeias por caçadores de peles, garimpeiros, madeireiros, e também das empresas de mineração. Ao longo de décadas, os Waiãpi se organizaram para a resistência. Em 1994, foi criado o Conselho das Aldeias Waiãpi, conhecido como Apina. Em 1996, a Funai demarcou a área indígena.

Desde então, muitos Waiãpi morreram vítimas de doenças como o sarampo, levada pelos invasores. Ataques às aldeias, entretanto, não foram registrados nos últimos 30 anos. O assassinato do cacique Emyra no último dia 22 de julho reacende o medo dos Waiãpi da volta às situações de violência por eles vividas nas décadas de 1970 e 1980. A seguir, o relato dos indígenas (extraído de notas emitidas pela Apina – www.apina.org.br) sobre o ocorrido nos dias que se seguiram à invasão do 22 de julho.

Segunda-Feira, 22 de julho – O cacique Emyra Wajãpi, de 68 anos, foi assassinado na região de sua aldeia Waseity, próxima à aldeia Mariry, na Terra Indígena Wajãpi, no estado do Amapá. O ataque violento que resultou na morte do cacique Emyra não foi visualmente testemunhado por nenhum indígena, mas os rastros de pessoas não-indígenas, provavelmente garimpeiros, foram encontrados pelos Wajãpi por toda a área. Os indígenas relatam que os invasores deixaram vestígios de armas de grosso calibre.

Sexta-Feira, 26 de julho – Os Wajãpi da aldeia Yvytotõ, que fica na mesma região, avisaram, por rádio, as demais aldeias que haviam encontrado um grupo

de não indígenas armados. Ao cair da noite, o grupo armado invadiu a aldeia Yvytotõ, se instalou em uma das casas e fez ameaças às famílias que, com medo, fugiram de suas casas e se abrigaram na aldeia Mariry. Nessa mesma noite do dia 26, os indígenas conseguiram acionar a Funai e o Ministério Público Federal. Na madrugada de sexta para sábado, moradores de uma outra aldeia, a Karapijuty, avistaram um invasor nas cercanias.

Sábado, 27 de julho – A notícia chegou ao lado de cá do mundo. Os indígenas enviaram mensagens a seus aliados pedindo socorro. Do México, o cantor Caetano Veloso, denunciou a tragédia. Em terras brasileiras, após denúncia do vereador Jawaruwa Wajãpi, do município de Pedra Branca do Amapari (AP), o senador Randolfe Rodrigues (Rede/AP) divulgou em suas redes sociais o assassinato e a invasão à terra dos Wajãpi. Pela tarde, a Funai se deslocou para a aldeia Jakare, próxima a Waseity, para entrevistar parentes do morto e, de lá, voltaram a Macapá para acionar a Polícia Federal. A proteção e guarda dos Wajãpi continuou por conta de seus próprios guerreiros, que montaram guarda próximo à aldeia Jakare. Invasores também foram vistos nas proximidades de outra aldeia, chamada Karapijuty. Durante a noite, ouviram-se tiros na região da aldeia Jakare, próxima à BR-210. No mesmo dia, o MPF abriu uma apuração sobre a morte do chefe Wajãpi e a possível invasão na Terra Indígena. Um Gabinete de Gerenciamento de Crise (GGC) foi constituído pelo Ministério Público Federal (MPF), pela PF, pelo Ministério Público do Amapá, pelo Exército, pela Funai e pela Secretaria de Justiça e Segurança Pública do Amapá, para investigar a invasão e o assassinato da liderança na terra indígena.

Domingo, 28 de julho – Um efetivo da Polícia Federal e outro do Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar (Bope) chegaram à Terra Indígena. Os indígenas informam que, embora orientados pelos Wajãpi, os policiais não seguiram os rastros dos invasores, sob a alegação de que a região *"é de difícil acesso e que não tinham condições de permanecer lá e dar continuidade às buscas pelas dificuldades de deslocamento e alimentação"*. De volta a Macapá, as autoridades emitiram nota informando da morte do cacique, porém desconhecendo a existência de conflito na região. Os indígenas informaram em nota que, ao deixar a Terra Indígena, os policiais informaram que passarão a estudar a região por meio de satélites e, em caso de identificação de sinais de garimpo na área, farão sobrevoos de averiguação. Os Wajãpi não concordam com a decisão e pedem o apoio da Funai para continuar as buscas no solo.

Quarta-Feira, 31 de julho – Os Wajãpi reportam a presença de invasores na aldeia CTA, às margens da BR-210. Por volta das 18 horas, ao se dirigir ao igarapé para o banho, um jovem da aldeia foi abordado *"por um homem alto e forte, de cabelo crespo e barba"* que apontou para ele uma arma. Com medo, o jovem voltou à aldeia para pedir socorro. Quando retornaram, só encontraram rastros humanos, que foram fotografados. Ante a ausência do poder público, os guerreiros das aldeias Wajãpi se organizaram para fazerem, eles mesmos, a busca dos invasores e a vigilância das comunidades. Próximo às aldeias, os Wajãpi continuam encontrando pegadas de garimpeiros.

Os Wajãpi continuam muito preocupados com os invasores que eles sabem que estão na região norte da Terra Indígena Waiãpi. *"Nas aldeias da região, as famílias estão com muito medo de sair para as roças ou para caçar. Algumas comunidades saíram de suas aldeias para se juntar a outras famílias de outras aldeias para se sentirem mais seguras"*.

Segundo organizações de defesa dos direitos humanos e indígenas, como a OAB, a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) e o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), essa situação tende a se agravar, particularmente por conta da posição do presidente da República, que insiste em anunciar a abertura das Terras Indígenas para a mineração.

No mesmo 27, dia em que soubemos do ataque aos Wajãpi, o presidente afirmou, durante uma formatura militar no Rio de Janeiro, que uma das atribuições de seu filho Eduardo como embaixador do Brasil nos Estados será a de buscar parcerias no "primeiro mundo" para explorar as áreas indígenas.

Essa posição reforça as declarações do ministro das Minas e Energia, Bento Albuquerque que, em março deste ano, informou, em um evento no Canadá, que o governo pretende autorizar a mineração em Terras Indígenas sem que sequer os povos originários sejam consultados.

E assim seguimos. Enquanto do lado de cá diversas organizações, entidades, artistas e políticos se manifestam em defesa do povo Wajãpi, o alto comando da nação primeiro ignora o conflito e depois, sob pressão da sociedade, anuncia a instalação de procedimentos meramente burocráticos para monitorar a região. Enquanto isso, os Wajãpi seguem pedindo socorro. *"Mataram feio e nós estamos com medo, com muito medo"*, é o grito que lançam dos confins de sua terra invadida.

Zezé Weiss
Jornalista
Socioambiental
@zezeweiss

RUMOS DA EDUÇÃO MUNDIAL: REFLEXÕES SOBRE OS RESULTADOS DO CONGRESSO DA TAILÂNDIA

Bia de Lima

O SINTEGO participou do 8° Congresso Mundial de Educação – "Educadores e seus sindicatos assumindo a liderança"

Fotos: Acervo Sintego

Foi realizado entre os dias 19 e 26 de julho o 8º Congresso Mundial de Educação. Neste ano, o encontro ocorreu em Bangkok, na Tailândia, e reuniu cerca de 1.400 educadores de 151 países. Com o tema "Educadores e seus sindicatos assumindo a liderança", o evento teve como finalidade determinar políticas públicas, princípios de ação, programa e orçamento da organização, e eleger o presidente, vice-presidentes e secretário-geral, bem como outros membros da Diretoria Executiva da Internacional da Educação (IE).

O professor Roberto Leão, ex-presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), foi reeleito como Vice-Presidente Regional para a América Latina da IE.

O congresso foi uma grande oportunidade para a discussão sobre a valorização dos/as profissionais da Educação, a democracia, os direitos humanos e sindicais. No evento, foi aprovada uma resolução que trata da normatização do/a docente e uma normativa contra a mercantilização e privatização da Educação Básica.

Temas políticos foram amplamente abordados no Congresso, e, no dia 21, foi realizado um protesto em defesa da liberdade do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em que representantes educacionais do mundo todo levantaram seus cartazes Lula Livre e reivindicaram que ele seja solto, pois está preso por motivações políticas desde 7 de abril de 2018. No protesto, além da liberdade de Lula, foi pedida a união dos povos para enfrentar os ataques de governos conservadores e antidemocráticos.

Houve uma solidariedade muito importante para com o povo brasileiro, em relação a nossa luta pela democracia e pela escola pública de qualidade. Pudemos sentir o apoio de pessoas de todas as nacionalidades, o que refletiu de forma unânime na boca de todos/as que tiveram a possibilidade de se fazerem ouvir.

Além de participarmos das atividades, nos envolvemos e nos inteirarmos das dificuldades do mundo, que vive uma onda conservadora, baseada na meritocracia, apoia mecanismos de punição de professores/as, e isso não é um fenômeno percebido só no Brasil.

Concluímos a necessidade de um esforço máximo para que caminhemos juntos com o meio ambiente, cidades sustentáveis, no enfrentamento de brigas universais contra o racismo, o preconceito, a homofobia, a inclusão da história de negros e indígenas, mulheres, não militarização de escolas, cuidado com o envelhecimento que acarreta muita dificuldade após os 60 anos, em decorrência da precarização do trabalho. Precisamos, de forma geral, de esforço coletivo para sobreviver.

Diante deste quadro, devemos abandonar aquilo que vem sendo pregado por essa política do individualismo, precisamos recuperar a coletividade, a valorização da vida, andar de mãos dadas com os movimentos sociais, homens, mulheres, a diversidade, dando sentido à vida, e continuar trabalhando por um mundo melhor.

Essas políticas sucateiam a Educação, não respeitam as carreiras, querem destruir tudo e têm como objetivo entregar o ensino para iniciativa privada, retirando a possibilidade do concurso público e demais meios de acesso universal. Reforçamos: NÃO ÀS PRIVATIZAÇÕES! Querem tomar de assalto a educação no mundo todo, pois sabem que esse ainda é um espaço em que é possível fazer um bom debate e grandes mudanças.

Saímos da Tailândia mais certos da defesa de uma rede de proteção aos trabalhadores/as da Educação, principalmente as mulheres, que ainda são mais vitimadas por esse sistema opressor. Voltaremos os ensinamentos para a base, ressaltando a importância de que o Brasil enxergue os/as educadores/as como pessoas fundamentais na defesa da democracia.

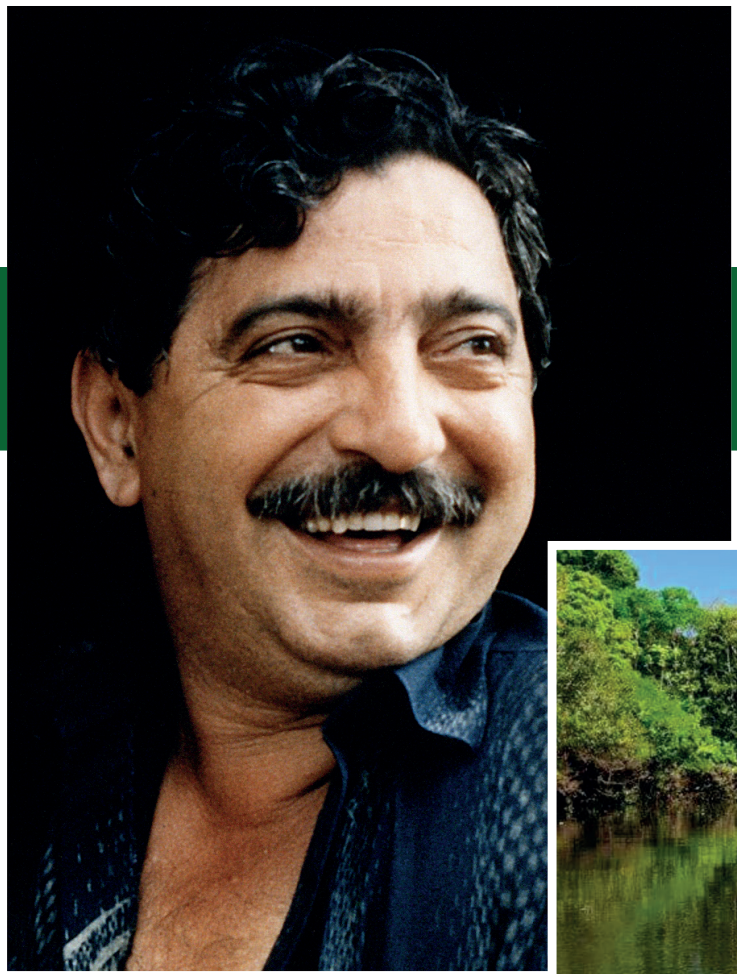
#SintegoNaLuta

Bia de Lima
Educadora. Presidenta do Sintego.

SINTEGO
GENTE QUE TRABALHA A EDUCAÇÃO
SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DE GOIÁS
filiado à
CUT BRASIL CNTE

SINTEGO 30 ANOS 1988 - 2018

CIDADANIA E FLORESTANIA: AMAZÔNIA, A TITULAR DE DIREITOS



Fenômenos novos exigem palavras novas. Assim cidadania deriva de cidade e florestania, de floresta. Esta nova palavra, florestania, foi criada no estado do Acre, sob o governo de Jorge Viana, representando conceito novo de desenvolvimento e de cidadania no contexto da floresta amazônica.

O propósito é implementar a cidadania dos povos da floresta, dos indígenas, dos seringueiros e dos ribeirinhos, que se traduz por investimentos públicos na educação, na saúde e nas formas de produção extrativista, tendo como referência maior a floresta e sua derivação, a florestania.

Floresta e ser humano vivem um pacto sócio-ecológico includente, onde o ser humano se entende parte da floresta e a floresta passa a ser um novo cidadão, respeitado em sua integridade, biodiversidade, estabilidade e luxuriante beleza junto com os outros cidadãos humanos. Ambos são beneficiados – povo e floresta – pois abandona-se a lógica antropocêntrica e utilitarista da exploração e se assume a lógica ecocêntrica, da mutualidade que implica respeito mútuo e sinergia.

Essa compreensão abre espaço para um enriquecimento possível

do conceito de cidadania a partir da reflexão ecológica mais avançada. Agora trata-se da florestania não só como cidadania na floresta, mas como cidadania da floresta. A floresta é considerada, pois, como um novo cidadão.

A compreensão que subjaz a essa afirmação, e que entrou nas constituições do Equador e da Bolívia, reside no fato de a natureza e a Terra serem a condição necessária para a vida. Esta somente existe porque é sustentada pelos fatores físico-químico-ecológicos terrestres, sem os quais não haveria vida. Se a vida tem dignidade, fato aceito por todos, ela engloba também a dignidade dos elementos que a tornam possível sobre o planeta.

Ademais, a natureza e a Terra possuem valor em si mesmas, independente da existência humana, que irrompeu quase no final do processo cosmogênico. Tendo valor em si mesmas, Terra e natureza devem ser respeitadas. O próprio ser humano há de se entender parte da natureza e da própria Terra, formando com elas uma grande e única entidade. Esse é o legado que os astronautas nos transmitiram de suas naves espaciais e da Lua: Terra, natureza e humanidade formam uma única e complexa entidade.

Nessa visão, mais e mais sustentada pela moderna biologia e cosmologia, a floresta como floresta, a natureza, bem como a Terra, são vistas como sujeitos e como cidadãos e, como tais, titulares de direitos.

Isso ficou mais claro quando a ONU, numa sessão solene no dia 22 de abril de 2009, decidiu chamar a Terra de Mãe Terra, dando a ela o mesmo tratamento que devotamos às nossas mães: o respeito, o cuidado e a veneração.

Impõe-se, portanto, a ampliação da personalidade jurídica à floresta, aos ecossitemas e à Terra como Gaia. Bem disse o pensador Michel Serres: "A Declaração dos Direitos do Homem de 1789 teve o mérito de dizer 'todos os homens têm direitos' e o defeito de pensar 'só os homens'". Os indígenas, os escravos e as mulheres tiverem que lutar para serem incluídos em 'todos os homens". E hoje essa luta inclui as florestas e outros seres da natureza também sujeitos de direitos e, por isso, novos membros da sociedade ampliada.

Por fim, há que se incluir a própria Terra, como Gaia, super-organismo vivo, no rol dos cidadãos. Ela seria aquela realidade cidadã que cria as condições para todos os outros tipos de seres, como seu valor intrínseco e sujeitos de cidadania.

As novas ciências, a astrofísica e a cosmologia nos asseguram que o universo não resulta da soma de todos os seres existentes e por existir, como se estivem justapostos uns aos outros. Todos eles se encontram inter-retro-conectados. O universo é o conjunto articulado das conexões de tudo com tudo em todos os pontos e momentos. Todos os seres não são apenas portadores de massa e de energia, mas também de informação trocada, retrabalhada e estocada de um jeito singular e próprio a cada ser.

O fator relação e interdependência de todos com todos, o Papa Francisco em sua excepcional encíclica sobre ecologia integral "Sobre o cuidado da Casa Comum" (2015) repetidas vezes enfatizou: "nenhuma criatura se basta a si mesma... tudo está interligado, tudo está relacionado" (nn.86, 118, 120).

Com efeito, depois de termos criado a ameaça de destruição da Terra-Gaia não podemos mais excluí-la do novo pacto social, como o fizeram Hobbes, Rousseau e Kant, no passado, e Habermas e Appel no presente. Estes davam e dão por descontado o futuro da Terra. Hoje não é mais assim. Devastada Gaia, não há mais base para nenhum tipo de cidadania e de direitos, pessoais, sociais e naturais. Se quisermos sobreviver juntos, a democracia tem de ser também biocracia e cosmocracia, numa palavra, uma democracia sócio-ecológica.

A partir disso, admitem eminentes cientistas que o universo e cada ser são portadores de níveis diversificados de consciência e possuem algum tipo de subjetividade, fruto das inter-relações que entretêm entre todos. A diferença entre a subjetividade humana e aquela do universo ou das florestas ou de outros seres não é de princípio, mas de grau.

Em nós, em grau altamente complexo e, por isso, auto-consciente, no universo e na floresta amazônica num outro, menos complexo, mas igualmente com grau próprio de consciência e de subjetividade. Por isso a floresta interage, sente, sofre, se alegra, dá seus sinais, responde e nos dá lições, algumas sábias e outras duras. Mas mostra que ela quer ser escutada, atendida, respeitada e incluída no cuidado humano.

Se a florestania for assumida num sentido amplo como postulado aqui, enquanto cidadania na floresta e da floresta, assistiremos a algo inédito no mundo. Na região da maior biodiversidade do planeta, na floresta amazônica, se inaugurará um novo ensaio civilizatório, referência possível para as demais florestas tropicais da Terra, assumidas e respeitadas como cidadãos. E comprovar-se-á a realidade de um desenvolvimento não predatório, de um ser humano feito anjo bom da Terra e não o seu satã ameaçador.

O cuidado das pessoas, das sociedades, da natureza e da Casa Comum será a atitude mais adequada e imprescindível para a nova fase da história da humanidade e da própria Terra.

Leonardo Boff
Eco-teólogo, filósofo e escritor, escreveu entre tantos *Como cuidar da Casa Comum*, Vozes 2018.

CHICA DA SILVA: A PEPITA NEGRA DO ARRAIAL DO TEJUCO

Iêda Vilas Bôas

Francisca da Silva de Oliveira ganhou fama e fortuna ao conquistar o coração do contratador de diamantes João Fernandes de Oliveira. Viveu no período colonial da mineração no Brasil, no século XVIII. Nunca se sabe onde termina a história real e começam as narrativas do imaginário popular. O certo é: Chica da Silva deixou um rastro de episódios que colaboram para o empoderamento das mulheres. Chica, ao mesmo tempo é realidade e, também, muita ficção. Afinal, como uma negra poderia assumir importantes papéis naquela sociedade, se ainda hoje, a ascendência negra incomoda?

Acerca de seu nascimento não se tem data certa. Estima-se que tenha sido entre 1731 e 1735, no povoado de Milho Verde, perto do arraial do Tejuco, atual cidade de Diamantina-MG. Era filha de um português com uma africana e tornou-se escrava, ainda adolescente, do médico Manuel Pires Sardinha, com quem teve dois filhos, deixados com o pai. Estes filhos, posteriormente, foram educados na Europa, acompanhando os outros quatro filhos do contratador.

Foi comprada por João Fernandes no final do ano de 1753 e conquistou sua alforria pouco depois. João Fernandes era desembargador do Tribunal da Relação do Porto e juiz do Fisco das Minas Gerais. Não era comum que os donos alforriassem

suas escravas ainda tão jovens; portanto, suspeita-se de que o contratador tenha se apaixonado por Chica e tenha decidido fazê-la dona de casa e com ela formar uma família. O detalhe é que o contratador de diamantes João Fernandes já era oficialmente casado com Maria de São José, natural do Rio de Janeiro e com ela tinha um filho. A mulata Chica passou a viver em concubinato com João Fernandes, que não botou reparo nesse detalhe. Sob pressão e poderio do contratador ou sob sua própria imponência, Chica tornou-se Francisca e foi descendo goela abaixo da elite branca mineira.

Depois que ganhou a liberdade, foi morar em uma grande casa, construída em forma de castelo, com capela particular e um teatro totalmente equipado, o único existente na região. O contratador satisfazia aos seus mínimos desejos e Chica da Silva passou a viver em pleno luxo. Com o contratador, ela teve 13 filhos – nove mulheres e quatro homens. Viveu 17 anos com João Fernandes, que nunca teve dúvidas sobre a paternidade dos filhos, legitimando e tornando todos eles herdeiros de todo o seu patrimônio. Por esse lado da história podemos encontrar a personagem como uma mãe de família dedicada, leal e religiosa, contrapondo-se com a que costumeiramente sabemos: lasciva, infiel e libidinosa, entre alguns predicativos que lhe constam. Existe uma conta fácil de fazer – e que deve ser feita – para avaliarmos o comportamento de Chica da Silva: foi casada por 17 anos, com o mesmo marido. Teve 13 filhos, o que resulta em um filho a cada 1 ano e 4 meses, em média. Que tempo lhe sobraria para a devassidão? Chica morreu por volta dos 60 anos, e sabe-se que sofria de reumatismo.

De sua trajetória, precisamos ressaltar que era uma lutadora e buscava a plena realização de seus sonhos. Para atingir seus objetivos resolvia, a seu modo, os empecilhos de seu caminho. Conta-se que mandou cortar a boca de uma rival. Mulher de personalidade forte e opiniática causava burburinho nos espaços por onde suas muitas saias esvoaçantes e a peruca loira de cabelos encaracolados passavam. É, sobretudo, uma mulher vencedora de desafios e preconceitos. Viveu o peso de ter sido escrava e de doar-se a um relacionamento inter-racial, zelou pela educação dos filhos, tomou frente aos negócios da família e administrou, sozinha, os bens do casal depois da ida de João Fernandes para Portugal, por ocasião do falecimento de seu pai e divisão de sua herança paterna.

Na história oficial existem registros de sua biografia, todos anotados por homens e brancos. Condição esta que dá ao relato uma parcialidade machista de pessoas que não a conheceram pessoalmente e de apontamentos feitos sem documentação, prova ou fonte histórica. Pode-se perceber essa afirmativa pelos adjetivos que lhe são atribuídos: *"dona de um apetite sexual insaciável" ou que "Não possuía graça, não possuía beleza, não possuía espírito; enfim, não possuía atrativo algum que pudesse justificar uma forte paixão"*. Outros a descreveram como sádica e cruel, lasciva e sedutora. Tais afirmações reforçam os estereótipos contra mulheres negras que conseguiram ascensão financeira e social.

Não obstante, registra-se que Chica da Silva viveu segundo os padrões morais impostos a sua época. Deixou prole com devida importância social e, por fim, foi sepultada no cemitério da Igreja de São Francisco de Assis – um privilégio da elite branca e dos cristãos de bem e moral ilibada integrantes de importantes irmandades. Dessa maneira, a interpretação que daremos à figura de Chica dependerá de nossos referenciais acerca do racismo, do machismo e do preconceito.

Chica da Silva, por sua expoente voluntariedade, recebeu o apelido de "Chica que manda". Conta-se que ela frequentava as missas coberta de diamantes e acompanhada por um séquito de 12 mulatas muito bem vestidas. Chica, como senhora e dona, possuía vários escravos, tendo-se registros em documentação de que Chica da Silva chegou a ser dona de pelo menos 104 escravos, negros como sua mãe ou mulatos como ela. Essa quantidade de escravos era muito mais elevada que a média em Minas Gerais daquela época. Chica da Silva agregava valores aos bens da família através da exploração econômica dos seus escravos, que eram alugados e empregados nas minas, além de outros que trabalhavam na pecuária e agricultura ou eram escravos de ganho. Não existem documentos ou evidências de que Chica tenha concedido liberdade a seus escravos.

A vida de Chica foi revisitada por diversos autores em romances, peças de teatro, poemas, e também no cinema e na televisão. Podemos dizer que Chica da Silva subiu degraus e não se tornou voz libertária de sua raça, entretanto, mesmo com aceitação dos valores e hábitos da elite branca, transformou-se em um mito e nos deixou história.

Iêda Vilas-Boas
Escritora

13 DE AGOSTO DE 2019

PARALISAÇÃO NACIONAL

Marcha nos Municípios em Defesa da Educação Pública e Contra a Destruição da Aposentadoria

Frisson

EDUCAÇÃO PÚBLICA EU APOIO

CNTE Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação Brasil
www.cnte.org.br

Filiada à CUT BRASIL

Internacional da Educação

CEA

FNPE Fórum Nacional Popular de Educação

CAMPANHA XAPURI
ASSINATURA SOLIDÁRIA

ASSINE A XAPURI E GANHE, AGORA, UMA LINDA CAMISETA DA RESISTÊNCIA,
COM FRETE GRÁTIS PARA QUALQUER LUGAR DO BRASIL.

PRA XAPURI ACONTECER, NÓS PRECISAMOS DE VOCÊ.
VEM COM A GENTE!

REVISTA IMPRESSA

ANUAL R$ **190**,00 12 EDIÇÕES

BIANUAL R$ **290**,00 24 EDIÇÕES

ASSINE JÁ! WWW.XAPURI.INFO/ASSINE